

UM LANCE

• JULIO DE MATOS • NA CASA
DE ORATES. COMENTARIOS E
REPLICAS DE • DA CUNHA DIAS •
DEPOSITARIOS: FRANÇA E AR-
MENIO — LIVREIROS-EDITORES
ARCO DE ALMEDINA, COIMBRA

1919

to Fernando Pessoa, estas paginas
violentas do maior intemperado
dos seus amigos.

UM LANCE

1917 - XI



De Amador

Propriedade do auctor

Advertencia

Depois do presente volume — *Um Lance* — estar paginado surgiu uma proposta para cedencia ao Ministerio da guerra para servico do Estado Maior do material e dos oficinas da Empresa Popular Editora.

A chave, e por consequencia o material typografico, distribuido, deveria ser entregue no dia 8, o Dr. Da Cunha Dias estava fóra de Lisbôa e só devia regressar em meado de julho. No bom desejo de ultimar não só o precedente volume mas outras obras começadas, com o fim de satisfazer todos os compromissos anteriormente tomados, deram as folhas de—*Um Lance* entrada na maquina sem revisão por parte do seu auctor, e precipitadamente.

A grande soma de erratas, a falta de unidade ortografica, e o exagerado numero de erros typograficos são a consequencia dessa precipitação.

Póde alguém mais exigente attribuir as deficiencias materiaes, que são producto das circunstancias, a incuria, mas não poderá legitimamente attribui-las ao seu auctor.

A tiragem de—*Um Lance* foi de 4.000 exemplares, e assim seria demasiado penoso readita-lo inutilizando todo o papel impresso.

Esta advertencia será impressa em papel de côr afim de não alterar a numeração do livro.

Na pagina seguinte corrigem-se só as erratas que alteram o texto. Notar todas seria fazer um novo livro.

14-VII 1919

Pela Empreza Editora Popular

Estevão de Carvalho

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Página	Linha	Onde está	Deveria estar
7	12	Concedeu-ma	Concedeu-mo
15	19	peixes-sapinhos	peixes-sapinho
20	2	ram	vam
20	12	puzesse	opuzesse
22	15	A'	A's
23	1	meliciano	miliciano
22	30	meu	bom
30	3	20	21
45	2	21-1-918	21-6-918
47	30 (1. ^a coluna)	a <i>Opinião</i> , o <i>Liberal</i> , a <i>Lucta</i>	<i>Opinião</i> , a <i>Lucta</i>
"	22 (2. ^a coluna)	<i>malgré out</i>	<i>malgré tout</i>
54	2 (2. ^a coluna)	vol a	volta
>	10 (2. ^a coluna)	Talvez	(Talvez
>	13 (2. ^a coluna)	inspecto	inspector
>	30 (2. ^a coluna)	Embora	embora
59	19	con-cludente	concludente
>	17	siencia	sciencia
68	31	falo	fala

UM LANCE

« JULIO DE MATOS », NA CASA
DE ORATES : COMENTARIOS E
REPLICAS DE « DA CUNHA DIAS »,
DEPOSITARIOS : FRANÇA E AR-
MENIO — LIVREIROS-EDITORES
ARCO DE ALMEDINA, COIMBRA

L. M. F. A. Z. C. E.

LIBRO DE JUAN DE LA CASA
DE CRATES, EN LA CANTON
REPUBLICA DE VENEZUELA
LIBRO DE JUAN DE LA CASA
LIBRO DE JUAN DE LA CASA
LIBRO DE JUAN DE LA CASA
LIBRO DE JUAN DE LA CASA

A MEU FILHO

NUNO DA CUNHA DIAS PEREIRA E D'ALMADA

OFEREÇO AS ORELHAS DO
RAPOSO, TROFEU DA MON-
TARIA, PARA BRINCAR.

Mas ainda!—exclama o Leitor. Ainda e sempre; comecei, acabo. Eis tudo!

E eu lhe digo que, em verdade, pouco me importa, nada me interessa directamente o sr. Julio de Matos e mais os outros.

Os meus adversarios...

Eu não venho combater uns sujeitos que ao abrigo duma traição, facilitada por uma lei iniqua, me pretenderam sepultar em vida encerrando-me na cela de um manicómio. Numa hora de decisão libertei-me, e a minha vida—(concedeu-ma Deus para que a ninguém a desvesse!)—defendia-a na firmeza dos meus punhos a golpes de audacia.

Os meus adversarios...

Favorecidos pelo numero, andam para aí numa difamação tôrpe, mascarando o receio inquietante da liquidação em arremedos de força, encostados uns aos outros no temor da propria fraqueza.

Os meus adversarios...

Eu não venho a combater uns sujeitos, são

onze!, que em circumstancias de vantagem não tiveram a energia precisa para me liquidar a mim.

O caso é outro:—

A' campanha que eu uma victima do Decreto de 11 de Maio travei contra este decreto, a mais iniqua, a mais infame das leis, convêm que os artigos que seguem sejam reunidos em livro como complemento que são ao meu volume —*Sobre um Decreto.*

Quanto a mim, para o desforço que poderiam significar, sobejamente bastaria a larga publicidade dos jornais em que foram inseridos.

E convem, é o momento de esclarecer que não ganho. nenhuns interesses me adveem da substituição do Decreto de 11 de Maio.

De quando em vez ha uns sugeitos, extranhos ao negocio dos outros, que fazem uma especie de opposição como se de uma decente regulamentação das admissões em manicômios me viessem mundos e fundos.

Não ganho, pelo contrario, gasto esforço, tempo e dinheiro. E' assim mesmo!

Victima do Decreto de 11 de Maio eu por força propria defendi-me, e tão rija e tão longe foi a defeza que hoje constitue uma especie de immunidadade. Pela energia da minha defeza, sem auxilio de outrem, vacinei-me. Comigo nem o Decreto, nem os psychiatras querem nada.

Eu não ganho, mas ha quem perca com uma limpa e liberal regulamentação do assunto. E' assim!

O Decreto de 11 de Maio tem sido um bom arranginho para a vidinha de muita gente. Serve muito interesse escuro.

O Decreto de 11 de Maio da auctoria do sr. Julio de Mattos, que o impingiu ao Governo Provisorio abusando da confiante boa fé de um ministro, é uma tragica ameaça suspensa sobre as liberdades individuaes. E' isto!

E depois quem entra num manicomio gasta-se por lá. Uma fuga é coisa muito mais difficil do que parece.

Fique-se o Leitor com esta!

DA CUNHA DIAS.

ESCLARECE-SE O LEITOR
SENDO ADUZIDAS AS RAZÕES
QUE AO AUCTOR ASSISTIAM
E O DETERMINARAM AO LAN-
CE; E TAMBEM SE LHE EXPLICA
COMO SE ENXOTA DO COVIL
UM RAPOSO MATREIRO.

ESCLARECE-SE O LEITOR
SENDO ADIDAS AS RAZÕES
QUE AO ACTOR ASSISTIAM
E O DETERMINARAM AO FAZ-
ER. E TAMBÉM SE LHE EXPLICA
COMO SE ENXOTA DO GOVIL
UM RAPOZO MATREIRO.

A' minha campanha de imprensa correspondeu, da parte dos interessados na existencia do Decreto de 11 de maio de 1911, o mais absoluto silencio.

Os meus adversarios aproveitaram entretanto a absorpção da minha actividade para ensaiarem mais uma vez a minha liquidação. Tentativas de ataques violentos, de envenenamento, de descredito, falharam sucessivamente. Tudo falhou.

Mas á minha campanha de imprensa serena, firme, sistemática, ninguem respondeu.

Foram vinte e dois artigos publicados todos em primeira pagina no *Seculo*, *Lucta*, *Liberal*, *Monarquia*, *Opinião*, *Portugal*, *Vanguarda*. E ninguem retorquiou.

E o Julio de Matos, auctor dessa preciosidade arqueologica que é o Decreto de 11 de maio manteve tambem o mais religioso silencio.

Mas... mas não era só a minha opinião, e seria o bastante. Não era só a minha opinião, era tambem o parecer do professor Rocha Saraiva (*Seculo* da noite de 21-III-1917, 1.^a pagina, 3.^a e 4.^a colunas), era o parecer do professor Abel de Andrade (*Seculo* da noite 3-IV-1917, 7.^a coluna, 1.^a pagina), era o parecer do professor Abranches Ferrão (*Seculo* da noite de 12-V-1917, 1.^a pagina, 6.^a e 7.^a colunas), e ainda a do professor Fernando Emidio da Silva (*Seculo* da noite de 30-IV-1917, 1.^a pagina, 7.^a coluna), da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

E mais! Foram as palavras proferidas na sessão da Camara dos deputados, de 18 de maio de 1917, pelo Dr. Joaquim de Oliveira, e as bem precisas afirmações do Dr. Brito Camacho. E ninguem retorquiou.

Um dia trouxeram-me a informação de que um discipulo

dilecto do "sabio", um menino das «medecinas» se dispunha a vir a publico em defeza do mestre. Mas passaram-se os dias, semanas, começaram de passar-se mezes, e o pequeno não deu, certamente por prudencia, sinal de vida.

Eles tinham-me vontade e... medo!

Vontade, desejo ancioso mesmo, de se justificar do ignobil plagio da lei franceza — não se assombre o Leitor! — de 1838 afeiçoada habilmente, — é justo confessá-lo! — para que mais facil seja a pratica de um crime, se o tinha o Julio de Matos!

Porém não lhe era possivel rebater as minhas afirmações em que me sobeja razão a mim, e lhe falta a ele competencia. E receiava...

A minha campanha contra o Decreto de 11 de Maio prosegue, serena, tenaz. E na sombra, baixinho, os meus adversarios vão aproveitando a abertasinha para uma difamação canalha em que só a estupidez imbecil iguala a torpeza.

Vontade de vir a publico reconquistar o mal parado prestigio liquidando-me não lhe faltava, nem lhe faltaram tambem os incitamentos dos outros. Mas a razão pode muito, e receiava...

Vaidoso como todos os mediocres, enfatuado, apesar de lhe branquejarem os anos nos escassos cabelos que lhe restam, dá-se ares acatitados de artista laureado, e era sempre certo, ás tardes, ou na Baixa fazendo a R. do Oiro, ou subindo o Chiado com seus ademanes janotas, olhando as mulheres.

Fez em Março um ano o «*Sobre um Decreto*» sahiu do prélo, e ao Julio de Matos deu-lhe o sumiço. E já não sobe o Chiado de cuia e capindó, e já não olha as mulheres, pelas tardes.

Mas a campanha de difamação, inconsistente, não deixando terreno firme para um ataque decisivo, vaga, imprecisa, muito torpe e muito reles, a campanha de difamação proseguia.

E meninos das «medecinas», na exhibição da facil sciencia

de mesa de café, desfiavam ante a estarrecida credulidade da par-voice indigena os sintomas da minha loucura... lucida!

O que para todos é simples, neste dia á dia da vida, tornou-se para mim tragicamente difficil.

Passam, no seu rosario de dôr, os dias de torturada angustia, as anciosas horas de duras privações.

E acima das horas que passavam, experimentado pela vida o preciso para bem saber que uns dias passam e outros dias veem, medi o lance.

Na rapida meia hora que, em agosto de 1916, nos falámos fiquei conhecendo o que me restava conhecer do Julio de Matos — o fisico.

Conhecia-lhe os livritos, que nada valem, que nada são; conhecia-lhe a vida que é uma vergonha, mas não o conhecia a ele.

Vi-o. E não me causou estranheza o verificar que tinha mãos de *peixe-sapinho*.

Lá na minha terra — Eu sou de Sintra! — áquele girinio da rã que pelas primaveras povôa os charcos em cardumes, chamam os saloios, meus patricios, os *peixes-sapinhos*.

O bicharôco move-se por meio de umas barbatanas lateraes, embrião de umas futuras manapolas, em que parecem espetados uns deditos, informes e desproporcionados, em relação ao restante dos membros, quasi proximos da sua fórmula definitiva.

Pela minha vida fóra tenho encontrado varios sujeitos com as mãos do *peixe-sapinho*. São umas pessoas arrangistas, metediças, viderinhas, a quem a natureza cautelosa empresta uma certa actividade, por aquelas, talvez!, mesmas sabias razões por que se determinou ao conceder espinhos aggressivos ao pacifico ouriço, e azas velozes ás moscas impertinentes.

Deante de mim o afamado homem de sciencia olhava-me, atravez de umas lunetas amarelas, muito senhor da sua importancia, com aquele olhar imperativo dos bonecos dos anuncios americanos: — *eu ensino como se vence; as pilulas taes são as melhores*. O patetinha!

O «sabio» inquiria, repimpado, imponente, e com minucia, atentamente, examinei-lhe as mãositas de dedos enfesados com unhas mal formadas.

Empertigado, importante, ele observava, e eu, entretanto concluia: — Estava certo!

Conhecia-lhe os livrinhos, os recantos escuros da biografia suja, e uns e outros condiziam com aquelas mãositas para mim desconhecidas até então. Estava certo!

A mesma afogueada pressa que as obras de descosida prosa revelavam, o mesmo mal contido desejo de marinhar, de se fazer passar por seductor, por homem preferido, não distinguindo entre a correção e a baixeza, entre a infamia e a virtude, estava ali coherentemente documentado naquelas mãosinhas de dedos imperfeitos com mal formadas unhas. Mãos enfezadas de uma gestação incompleta, mãos de sete mezes, mãos de *peixe sapinho*.

O «psychiatra», pavoneante, sacudindo a cuia, mirava ainda com o mesmo olhar imponente, emquanto, revolvendo reminiscencias de passadas leituras, intimamente o absolvía dos crimes e das parvoçadas.

— Se é um féto, Senhores!

Apesar de tudo, da tenacidade e da energia da campanha de imprensa levada a cabo em sete jornais de politica tão diferente; apesar de tudo, da larga publicidade ao meu volume —

"*Sobre um decreto*"—que os maiores sacrifícios e penosas privações permitiram realizar, a opinião publica era contra mim.

Arredado por determinação propria, após o advento da República, das lutas da propaganda, sofria de uns a repulsa pelo meu passado, os outros recebiam-me com friêsa pelo receio de concorrência, e em volta de mim cavava-se o isolamento, na hora bem dolorosa da minha vida em que tornava ao combate, esmagando em sacrificio a melindres de orgulho os ultimos resentimentos de uma cilada infame.

E vim, por coerencia com as afirmações de um passado, de alma bem erguida defender com firmêsa em nome dos principios de Liberdade os direitos de todos. E a opinião dos outros era contra mim.

Para o meu amôr proprio de orgulhoso pouco ofendia o não reconhecimento do serviço que aos interesses de tódos vinha de prestar, e para satisfação de vaidades — Se as tivesse! — sobrava o decidido aplauso da quasi unanimidade da imprensa do meu paiz.

Mas era sangrante a minha revolta contra a torpêsa de uma difamação cinicamente sistematizada, que nem ao menos poupava á escorrença do chiqueiro o nome de meu Filho.

E êsses todos, a quem vinha de sacrificar energias, e por quem sofria tormentas e trabalhos, eram os mesmos que alastravam, difundiam até ao prejuizo de interesses essenciais da minha vida, as insidias e baixas calunias de uns adversarios tão reles!, que nem o avantajado numero dêles me dá honra.

E apesar de tudo a opinião publica era contra mim.

E como ultimo argumento, como prova plena para uma suprema decisão—tão longe ia a fatuidade dos julgadores—dizia-se, pairava um nome—Julio de Matos!

A opinião publica mal julgava o alevantado desinteresse da

minha campanha contra o decreto de 11 de Maio, e os meus adversarios socorridos da ajuda dos pretensos psiquiatras que serviram os seus fins declarando, aqui ha dois anos, a minha *incuravel e perigosa loucura*, bolsavam sobre o meu carácter enxovalhantes calunias, e de envolto com élas, pretendendo-se deneigrir o meu, era lançado aos ventos o nome —Julio de Matos!

E eu tinha pena dele...

Habitudo por dever profissional e por interesse de observador curioso a lidar com bandidos, a mergulhar a dentro da alma deles, a profundar-lhe o intimo da consciencia, os escaninhos das determinações, eu tinha pena dele.

Ha pruridos de orgulho na alma dos canalhas; soluça, vibra, por vezes em requintes de sensibilidade o coração dos assassinos!

E eu tinha pena dele...

Pobre mediocre esmagado por uma ambição desmedida que uma grande vaidade aquece e impulsiona, os acasos da varia fortuna guindaram-no ás alturas, e a sua vida toda é uma pagina de doloroso sofrimento. Não o fortalece uma fé que o tornaria um são; falta-lhe uma vontade que o faria um cinico. Na sua consciencia bradam acusadores os remorsos dos crimes que tem praticado, a sua vaidade gananciosa impede-o de se corrigir ou de se justificar.

E, no meu caso, eu dei-lhe tempo. Se tinha pena dele...

A opinião habilmente escamoteada, formados aqui e além pequenos nucleos de difamação contra mim, erguia ás nuvens o nome do pateta.

Conhecia-o, medi o lance. Tão simples!

O "*Sobre um Decreto*" appareceu em principios de Março, e era o chefe da redacção do jornal a "*Situação*" um velho amigo, o Arnaldo Pereira, que uma noite nas officinas do "*Seculo*" fez a minha apresentação ao Botelho Moniz, como eu antigo aluno do Collegio Militar. Ao Botelho Moniz agradou a audaciasinha de forçar a um combate de frente o capataz-mór dos meus difama-dores. Tanto mais que junto dele haviam ensaiado o meu des-credito, e foi com surpresa que verificou tratando-me, quanto era infame a covardia dos outros.

As calumnias foram tão tórpes, ha tanta vileza nas infamias deles, que tenho contado com algumas amizades, por revolta. Os falsos, os videiros, os reles vão-se, afastam-se; os leaes, os arro-jados, os de alma sã veem, aproximam-se. Selecção que devo á estupidez dos meus adversarios.

Mas por ali estava bem. Restava o outro lado.

Ao Dr. Brito Camacho que atravez de todas as insinuações, —eu sei!— me tem distinguido com o favor da sua amizade pedi demorasse o acusar a recepção do meu livro e que ao faze lo tornasse publica a minha inscrição na "*União Republicana*". Na "*Situação*" solicitei que não acusassem a recepção do meu li-vro, e ao administrador daquele jornal meu amigo Joaquim Durão pedi a publicação de dois anuncios do "*Sobre um De-creto*".

A referencia da *Lucta* sahiu em 20 de Abril, a *Situação* co-meçou publicando anuncios ao meu livro em 21. E pronto! O tempo, que até faz grelar as batatas, faria o resto.

Marcada a aparente indiferença da *Lucta* eles iriam lá e fo-ram, mexeriam no *Seculo*, mexeram, mas deixavam-me, sem es-forço maior da minha parte, as colunas da *Situação* onde, com

as vantagens da sua elevada tiragem acrescidas das que resultaram de ser então o órgão officioso do governo, poderia á vontade cortar-os ás tiras, se tanto fosse preciso.

Nem a *Vanguarda*, nem o *Liberal*, nem a *Lucta*, nem a *Opinião*, nem mesmo a edição noturna do *Seculo* atingia ao tempo a tiragem da *Situação*.

E quasi todos os outros jornaes, uns pela sua indole, outros pelas muitas sympatias que por eles tenho, ou por aquelas que de lá me dedica, um ou outro, não me ofereciam firme confiança para uma hora difficil.

Não esperava, de verdade, que o "Matitos", ou qualquer dos outros me puzesse seria resistencia. Eu tinha por mim a razão, e as minhas qualidades, mas acautelando sempre...

Parvamente, que é desde o começo do mundo a maneira como raciocinam os parvos, o Julio de Matos e mais outros quando, após lisongeiras e penhorante referencias de varios jornaes, a "*Lucta*" surgisse declarando haver recebido o livro tal do seu correligionario fulano, tomariam a demora por indiferença, e a referencia da minha filiação partidaria com unica razão determinante do aplauso ao meu livro. Para mais o silencio da "*Situação*" deveria ser para eles manifestação de hostilidade.

De facto uma manhã, á esquina da estação do Rocio, encontrei o Cebolinhas (1) que, radiante, chocarreiro me cumprimentou: — "Sr. Doutor!"

E' claro que me sorri e continuei o meu caminho, Avenida acima.

(1)—O medico Luiz Cebola, director clinico do manicomio do Telhal. Trateio-o sempre durante o periodo do meu sequestro n'aquelle manicomio por Cebolinhas e de tal maneira me habituei que me não dá geito trata-lo de outra maneira. Perdoe-me o Leitor.

O Leitor assomadiço exclama:—E o senhor não lhe esmurrou o focinho!

E eu pergunto ao Leitor:—Para quê?

Convenha comigo que não é preciso mais do que a meia folha de papel selado contendo a minha queixa contra os autores, cúmplices e encobridores do meu sequestro, e essa está em juízo. Foi apresentada no fôro competente, Sintra, em 7 de agosto de 1917.

O Cebolinhas estava satisfeito, e sorri-me e segui o meu caminho muito satisfeito também com a satisfação do Cebolinhas, que me vinha mostrar a certeza do exito do lance.

Supunham-me vencido. Parvamente, é claro, porque nada tem o crime de carcere privado de que fui vítima, e em que eles são réus, com o decreto de 11 de maio, nem as muitas patifarias que se cometem por não haver uma séria fiscalisação dos internamentos em manicômios,—como é bem de vêr!—me prejudicam em qualquer coisa.

O Cebolinhas estava contente e eu também, porque decerto o Julio de Matos devia participar de igual contentamento.

Mas,—Não ha formosa sem senão!—no corpo de redacção da «*Situação*» não havia ninguem que podesse entrevistar o Julio de Matos, excluido o Arnaldo Pereira por haver assinado a referencia da «*Vanguarda*» ao meu livro. Eram uns rapazotes que não serviam.

Correm assim longos dias até que em 18 de junho a entrevista se realisou, e o grande “sabio” bolsou varios insultos, com aquele mesmo escrupulo com que tempos antes havia aos seus alunos esmiuçado os symptomas desta minha loucura.

Adoravel, este Matos!

Sim, o patife ante os seus alunos tratou do caso da minha *incuravel* e *perigosa* loucura como se eu fosse objecto de estudo, e é cêdo para se me fazer a autopsia...

Adoravel este Matos!

È mal sabe êle o trabalhão que me deu... O Botelho Moniz e o Arnaldo Pereira não queriam publicar a entrevista, e o Afonso de Bragança que a realisou recusava-se a escreve-la tambem precisamente,—oh, adoravel Matos!—, porque continha uma série de insultos contra mim.

A entrevista foi inserida na *Situação* de 19 de junho, e no mesmo dia, á tarde, a *Lucta* anunciava que eu ia responder pela imprensa.

No dia seguinte a *Situação*, na primeira coluna da segunda pagina, como quem não dá ao caso igual importancia—na segunda pagina, mas sempre dando alguma—na primeira coluna, informava haver recebido uma carta minha sobre o assunto da entrevista.

A' 9 da noite fui á *Situação* — nada! O Julio de Matos não tinha rectificado coisa alguma.

Estava fixado o terreno do combate, em que eu, como de costume, bati forte, e o Matos levou, coitado.

Em 21 a *Situação* na primeira pagina, numa das minhas columnas predilectas, a setima, publicava a minha resposta a que dei a forma de carta.

Este meu artigo veio paginado a uma columna por imperiosa necessidade de espaço, o s jornaes da manhã, sendo ao tempo, ás terças e sextas, de duas paginas por determinação da lei.

Em 25, esperando um dia de 4 paginas dos jornaes da noite, a *Lucta* inseria um artigo mais, e no mesmo dia, era publicado outro no *Liberal*.

Um soco da esquerda e, para endireitar, logo outro da direita. E' o meu systema.

O Matos ficou se, os outros quatro psychiatras que, vae para

tres anos, atestaram—(quando eu era maluco... meliciano)—a minha perigosa e incuravel loucura, tambem não mexeram.

Não era preciso mais!

Adeante, no capitulo seguinte, são reproduzidos os numero^s dos jornaes que inseriram os meus artigos, e de seguida no outro capitulo transcrevem-se, as referencias de imprensa que prepararam a entrevista, esta, a que Afonso de Bragança deu uma bela fórma literaria traçando-a com o seu estylo facil e rico, e ao depois as minhas replicas, em que, como acima disse, dei e o Matos levou, e calou.

Mas fala baixinho, ainda. E uns *meninos das medicinas*, uns *garotelhos*, sem categoria para serem objecto de discussão, espalham aleivosias, difamam, calumniam....

Leitor!

Se em si ha sentimentos de piedade, se um pouco de comiserção, por momentos, de entre este rude batalhar da vida, se alberga e enternece o seu coração, diga a esse pobre idiota que mande calar os petizes.

Bati-lhe por culpa deles. Falou, disse com grandes ares tolices aos pequenos, aos patetinhas que o admiram, esforçou-se por fazer opinião contra mim, deu-se atitudes pretenciosas de combatente, agarrei-lhe pelas orelhas, exhibi-o deante do publico, e sovei-o.

Mas tenho pena dele...

Numa hora tremenda da minha vida, cinicamente, cruelmente, esse miseravel, impassivel ante a minha dôr de tão funda ferida que, tres anos depois, ainda sangra, condenou-me á morte. Os criminosos eram os outros, ele condenou-me a mim.

Friamente, cruelmente, sem um engulho de consciencia, a soldo dos outros, esquecida a dignidade profissional, preferiu a sentença de que se não apela—loucura perigosa e incuravel, arvorando-se em juiz de irrevogaveis decisões.

A morte lenta, aos trint'anos na cela de um manicomio, e o meu nome limpo que a minha vida inteira enobrece, caindo como um enxovalho de ignominia sobre o berço do meu Filho.

Sem ele, os outros nunca poderiam ter consumado o crime que praticaram; se ele fôsse um homem digno, ou fôsse um homem inteligente, tinha embolsado o dinheiro e tinha me salvo, se fôsse um homem de bem, ou se fôsse um homem inteligente.

E não lhe quero mal, tenho pena dele.

E' um canalha, é um miseravel, porque é estúpido. Os estúpidos são sempre maus; praticam o mal, porque não alcançam o bem.

E' um cinico, é um cruel, porque é um fraco, um rachitico. Os fracos são sempre crueis, a clemencia é apanagio dos fortes.

Eu não lhe quero mal, porque o desprezo, e deprezo-o porque o não receio. Ele odeia-me, porque me teme.

Leitor, peço-lhe, diga a esse pobre idiota que lhe não quero mal, e que mande calar os petizes.

Entre mim e entre ele, entre mim e entre os outros, ha só—meu Filho. Prejudicaram no seu nome o Pequenino, que nada tem com a contenda, lezaram-no nos seus interesses despedaçando-lhe a vida do pae. Prejudicaram, indemnizam. Mais nada!

Leitor!, diga a esse imbecil que não tenha a veleidade de se medir comigo, porque é burro. Ser mau, ser pulha não basta, é preciso ter força. E é precisamente o que lhe falta a ele—a força.

Leitor, diga a esse imbecil que é muito mais burro do que um penedo, mais estúpido do que os burros na minha terra.

Se um pouco de inteligencia lhe houvesse tocado de entre

as muitas prendas com que a natureza generosa e larga, apesar da pressa dele, o brindou ao nascer, ou se um pouco de escrupulo honesto lhe sopeasse a vaidade, todo o meu ardil, que uma astuciosa minucia preparou, teria resultado num insucesso.

Para me combater, o idiotasinho, praticou, ante a opinião publica, graves crimes, que a lei severamente pune — quebra de reserva profissional, e difamação.

Em vez de mostrar uma imparcial indiferença, para me combater, insultou, mostrando-se ás escancaradas, aos olhos de toda a gente, o que é — um criminoso reféce.

E sem um escrupulo, sem uma deferencia ao menos! supoz rebater opiniões fortemente deduzidas pelos professores Rocha Saraiva, Abel d'Andrade, Abranches Ferrão, Fernando Emygdio da Silva com um vão palavrorio sem base.

Sobre um ponto de direito, ele, o pretenso capataz das «psychiatrias», gratuitamente, de animo leve, afirmou o contrario do que professores distinctos de Direito haviam publicamente afirmado!

Patetinha, confunde as espertezas de uma charlatanice loquaz, com o exercicio divino do pensar!

A inteligencia manifesta-se mais pelo que cala, do que pelo que diz. Pensar, exercer a inteligencia, impõe a abstracção, que no corrente comesinho da vida significa reserva, e no dominio das realisações se traduz em inibição.

Ante os livritos dele, ser inteligente é não os escrever; escreve-los é ser burro.

Coitadito! E' como os burros da minha terra: — Viu poeira espojou-se.

E andam para ahi os "petizes" alastrando o enxurdeiro da escorrencia dos meus adversarios, assoprados pelo «sabio», estimulados por ele, supondo quebrantar a minha firmeza, ou poder influir nas minhas resoluções.

Ele assola os petizes, e um dia acordo de mau humôr, aborreço-me, e acabo-o.

Leitor, bem vê!, eu não hei de errar por ahi á cata dos pequenos, e depois, com o rapazio a fazer um grande escarcéu, vir Lisbôa em fóra, os pequenos num molho seguros pelas orelhas, á procura de uma sargeta bastante larga para lhes enfiar de uma vez a cabeça de eles todos!...

Um dia aborreço-me—isto já me vae fazendo nauseas! — acordo de mau humôr e acabo-o.

Ele anda cá fóra, ha trinta e tantos anos!, emporcalhando uns e outros, sem uma restea de consciencia, intrometendo se no que lhe não respeita, calumniando, medindo tudo pela bitola estreita dos seus lucrosinhos, dos seus prazeresinhos, sujando todos por quem passa.

Um dia aborreço-me, e acabo o de vez. A minha piedade tem seu fim.

Ele anda cá por fóra ha trinta e tantos anos, á solta. Decido-me, e é de vez.

Estendo o meu braço—escusa de se esconder!...—agarro-lhe com o meu gadanho forte por uma orelha, e nada lhe vale.

Ha 60 anos, ou mais, que ele anda cá por fóra, ha trinta, pelo menos, que anda a fazer asneiras. Basta!

Póde espernear á vontade, que nada lhe vale.

Agarro-lhe bem por uma orelha, e meto-o no frasco. Vae para o alcool!

O féto!...

MOSTRA-SE COM O AUXILIO
DE GRAFICOS DE COMO SE
APANHA O RAPOSO, SE LHE
CORTA A FUGIDA, E SE TIRA A
PELE AO BICHO, E DO MODO
PORQUE SE LHE FAZ.

A

que se seguiu a do anuncio abaixo reproduzido; e assim alternando com o anuncio anterior, terminou a publicação no numero 31 deste jornal, em 8 de Maio:

AS ELEIÇÕES TERREIRO

DO PAÇO

O sr. Presidente da Republica continua recebido inumeros telegramas de felicitações

S. BENTO, 1.—Felicito V. Ex.º pelo seu aniversário—Moura Junior.

MOURÃO, 1.—Pela heróica de V. Ex.º e elevado cargo para que acaba de ser acausado, lhe envio um abraço e cordaes felicitações.—Secretario de finanças, Taruzes Almeida.

S. BENTO, 1.—Gremio Nacional Republicano do Porto sauda calorosamente V. Ex.º, presidente eleito pelo povo português, penhor seguro da prosperidade da Patria.—Presidente da assembleia geral, Couceiro Costa.

S. BENTO, 1.—Afetuosos parabens pelo aniversário de V. Ex.º—Joaquim Modureira.

MAÇAO, 1.—Felicito V. Ex.º pelo triunfo obtido e pelo seu aniversário—Joaquim Figueira, Serafim Sequeira, Armando Pires.

CASCAES, 1.—Cheio de fé sauda V. Ex.º, legítimo representante do povo resgatado em 5 de dezembro.—Fernando Bravy, administrador do concelho de Cascaes.

MAÇAO, 1.—Pessoal da administração d'este concelho cumprimenta e felicita V. Ex.º pelo seu aniversário natalicio.—O administrador do concelho, Manuel Agostinho de Oliveira.

BRAGA, 1.—Comissão administrativa da freguezia de Braga sauda V. Ex.º pela eleição presidencial.

HONG-KONG, 1.—Os meus cumprimentos e sinceras congratulações pela eleição presidencial. Causou satisfação geral.—Consul.

MAFRA, 1.—O comandante e officiaes do regimento de infantaria 1 rogam a V. Ex.º apresente felicitações a Sua Ex.º, sr. Presidente da Republica, pela victoria eleitoral.—Comandante de infantaria 1, Felício dos Santos, coronel.

NETUBAL, 30.—Congratulo-me pela eleição de V. Ex.º a quem foram entregues os superiores destinos da nossa nacionalidade.—Antonio Manuel Alves.

ROCIO, 1.—Sinceros votos pelo feliz exito da alta missão de V. Ex.º em beneficio da Patria e da Republica.—Soares Andreu, capitão de mar e guerra.

ESTEFANIA, 29.—A comissão politica de Arroios, harmonia trabalhos eleitoraes, com a junta de parochia, felicita V. Ex.º, como republicano historico e felicita ainda pelo decreto sufragio universal.—Major Manuel Teixeira Moraes, capitão Joaquim Lopes.

CAMIOLIDE, 29.—Secretario de S. Ex.º o sr. Presidente da Republica—Peço a V. Ex.º se digne apresentar S. Ex.º, meu nome e officiaes comando corpo tropas, felicitações pelo resultado obtido nas eleições.—Sarmiento, coronel.

LISBOA, 29.—B' com o maior respeito e consideração que as telefonistas da rede do Estado em Lisboa veem saudar em V. Ex.º o libertador da Patria Portuguesa pelo triunfo tão justamente alcançado, para honra e gloria de Portugal.—Sofia Rodrigues, Maria Mendonça, Arnaldo Cruz, Maria Sampaio, Luiza Sampaio, Luiza Soares, Albertina Correia, Alda Campes, Estefania Moraes, Guilhermina Silva, Angelica Oliveira.

MADRID, 29.—Despedidos cumprimentos a V. Ex.º—Mendes Leal, secretario da legação de Madrid.

SANTA MARTA, 29.—A comissão politica do S. Sebastião da Pedreira felicita V. Ex.º pela victoria alcançada, fazendo votos pela Republica Nova.—O vice-presidente, Manuel Antonio Alves.

PAIUS, 29.—Felicito-o calorosamente pela sua eleição, que é a consagração definitiva do movimento de 5 de dezembro.—Beteencourt Rodrigues.

PARIS, 29.—O ministro e secretarios a esta legação saudam respeitosamente V. Ex.º—Ministro de Portugal.

OURÉM, 1.—Um grupo de admiradores de V. Ex.º felicita-o pela victoria alcançada na eleição, para que tão justamente foi eleito Presidente da Republica.—Antonio Lopes, Heitor Pires, José Dias, José Maria, Antonio Pedreira.

S. JOAO DO ESTORIL, 1.—A nação acaba de manifestar a sua vontade firme Ausente de Lisboa, envio o muito respeitosa homenagem e cumprimento valoroso ao prestioso Presidente da Republica Portuguesa.—Professor Batista Ramires.

LISBOA, 1.—O comandante e officiaes do grupo montado C F G S. felicita V. Ex.º—Comandante do grupo montado—Chouque, tenente coronel.

MANOALDE, 30.—Felicito muito respeitosamente V. Ex.º—Major Custodio da Silva, chefe do D. R. 31.

Senador pelas Associações Comerciaes

Os delegados das Associações Comerciaes da provincia reúnem hoje, pelas 11 horas, a uma das salas da Camara Municipal de Lisboa, a fim de elegerem o senador que as representem no parlamento.

Nas provincias

PORTO, 4.—Nos paços do concelho terminou hoje sendo auctados os respectivos editaes o apuramento eleitoral, verificando-se que o presidente Sidonio Paes teve 7708 votos, ficaram senadores provincias por

TERREIRO

DO PAÇO

O sr. ministro das finanças, manteve o despacho que transferiu da alfandega de Lisboa para a do Porto, o sub-inspector sr. José Cardoso Pinto Montenegro, a que foi recusado o visto do conselho superior financeiro do Estado.

—Uma comissão delegada da União Operaria Nacional esteve, hontem, nos ministerios do interior e da justiça, tratando da situação de individuos que foram postos em liberdade por ocasião do 5 de dezembro, e que voltaram depois a ser presos, bem como da situação de outros individuos presos por causa dos assaltos de maio e que ainda não foram restituídos a liberdade.

—O conselho de ministros reuniu-se hontem em Belem, depois da assinatura presidencial, tratando, alem de assuntos de administração publica, da nossa cooperação junto dos aliados em França; do recente acto eleitoral; de assuntos relativos á proclamação do sr. Presidente da Republica e da questão das subsistencias.

—Os officiaes da guarda fiscal foram hontem agradecer ao sr. ministro das finanças os beneficios prestados aos officiaes e praças pela reorganização da guarda.

—Val ser publicado um decreto, providenciando sobre a exportação de minérios de tungstenio ou tungstenio metalico, a qual se poderá fazer-se depois de autorizada pelo governo.

ELEGÂNCIAS

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.ªs D. Maria Domingas da Cunha e Lorenza, D. Adalgiza Nogueira Pereira de Matos, D. Maria José de Barros Belmarço e D. Berta Hearn da Cunha Menezes.

E os srs. Dr. Curry Cabral, dr. Luiz Maria de Figueiredo Cabral, Manuel de Bourbon Vaz Preto Geraides e José Marques Costa.

MUSICA

Abertura da temporada lirica no Coliseu

—A opera «Aida» com Mazzoleni

A «Aida» tem sido sempre a opera de abertura das temporadas liricas no Coliseu e sem duvida é bem escolhida, porque, tendo a partitura grandes dificuldades a vencer, fica o publico, desde a primeira noite, conhecedor dos recursos de grande parte dos artistas da companhia.

A hora adeantada da noite a que terminou o espectáculo não nos permitiu dar mais do que uma ligeira impressão do justo successo obtido, apesar da manifesta hostilidade com que uma pequena parte do publico se apresenta, sempre receioso de não dar bem o seu dinheiro, recebeu o artista.

Esther Mazzoleni, soprano de grande nome, a quem ha anos já tinhamos tido o prazer de ouvir em S. Carlos, cantou com grande relevo a sua parte e se a voz nos não deu a impressão de ser tão volumbosa como da primeira vez que a ouvimos, sentimos que a grande artista se aperfeiçoou muito na forma como representa, tendo sido ovacionada em todos os actos, especialmente no terceiro, de dois duetos com o tenor, em que o magistral de intenção cantando a sua voz com mestria.

Depois de Mazzoleni, de justiça citar o baritone Moreli que nos deu um «Amoroso» de primeira ordem, representando primorosamente, tendo uma voz não muito «aveludada» mas «quente» e dizendo com intelligencia. Egualmente muito bem o baixo Pexall e o tenor Antonio Marquez, que pôde considerar-se um cantor seguro, quando nos parocido, porém, que em algumas operas, — na «Carmen» por exemplo — poderá evidenciar mais os seus recursos; o baixo Marti e melo-soprano puana não desmancharam o conjunto.

Os baixos sofríveis... os côros supportaveis... a orquestra ás vezes bem delectavel... os logares que nos de-

COLISEU DOS RECREIOS

A' manhã—2.ª telra, 6—A' manhã A's 9 horas da noite Primeira Recita da Moda Primeira recita extraordinaria da grande celebridade lirica

Cav. Tito Schipa

O primeiro tenor da actualidade. Unica representação da opera em 5 actos e 6 quadros, musica do maestro JULES MASSENET

MANON

em que o insigne tenor Cav. Tito Schipa tem a sua mais colossal criação, constituindo o triunfo mais brilhante da sua carreira, tanto no Coliseu como nas principaes cenas liricas do estrangeiro.

OS QUE MORREM

DR. ALÇADA DE PAIVA

Com 70 anos de idade, faleceu ante-hontem monsenhor Francisco Alçada de Paiva, prior da freguezia dos Anjos, desembargador da relação e curia patriarcal e um dos mais velhos e mais conhecidos sacerdotes da capital.

Era formado em teologia pela Universidade de Coimbra e tambem paroucou as freguezias de Carnide, S. Nicolau e S. Domingos. Foi juiz dos casamentos, professor do seminario de Pinhel e do pequeno seminario de S. Vicente, para o qual contribuía com 500 escudos por anno.

Como pregador fez-se ouvir em quasi todos os templos de Lisboa, e muitos da provincia e publicou varias obras combatendo o protestantismo.

Pertencia a uma numerosa familia da Covilhã, d'onde era natural.

O cadaver foi hontem transportado da sua residencia, na rua Palmira, 3, para a igreja dos Anjos, onde ficou depositado, salndo hoje o prestito, ás 10 horas, para o cemiterio oriental.

Diz-se que recairá no sr. dr. Romão José da Silva Guimarães, conego arcepreste da Sé e presidente do conselho de nominação para a freguezia que acabou de deixar e onde reside ha mais de 20 annos.

O sr. dr. Romão Guimarães foi eleito para as freguezias de Cintra, Amargra, Ajuda, S. Lourenço e S. Justa.

Sobre um Decreto

DA CUNHA DIAS advogado

Uma campanha jornalística

Benefic. publicadas sobre a

Seculo, Liberal, Opinioes, Vanguarda, Portugal, Democracia, Lucra.

LAHAY, NOTIA & C.ª

ULT NOV

A Alem O pi A SITUAÇÃO DE

A fisionomia da lha do Ocidente offer mas observações.

Quando alguns ind lar que um ataque g se la produzir, vê se apenas ao sul—frente mostração energica principal no sector de

No sul, os dois cont base de ataque—Vil gard-Castel. De um li se ali as anteriores

Ad norte, o advers rar-se da importante tudo indicava que ia que uma importante dos aliados—de Ypre duzir, eis que a sua r, é forçado a prctency metelle.

Certamente que o rio se não limitava Kammel; um subseq Taperhinge e Cassel indicado

Era, porém, de pre tencia que os aliados do. Cada palmo de t região, tem aquela gias Hatg, assinalou ção as suas tropas. N isso, a certeza de um os efectivos êmpenhad

—dez divisoes—para Quakerque, depois d aliada na direcção l pois, certa verosimill guns criticos, quant açoes da ultima sem conjuçada com a doi a Amiens, são o pr ofensiva, que não de duzir-se.

O violento arrancê nesse, em 21 de un não a linha water

aniversario decidido no a sua ruptura,

para junto, é

artilharia pesa preparatorio. Ti

esses apropriad ra a execução.

lha—na no talc sendo o prez, o presi sario. Não se trata, val-a dos placares de

ditos. Mas nem por de ser arduo, prinô far sob a acção doq contraria.

Foi, por certo, um ferir, em 25 horas, de Aubert a margem dos terrenos alagad goetas occupavam.

Mas ali aproveit nas linhas contraria que de 5 de abril,

agora, que á região: reservas francezas e

Como retorno d'est

trabalho e informaçã

lha—na

lha—na se a tri

momento; má

quar que os alon

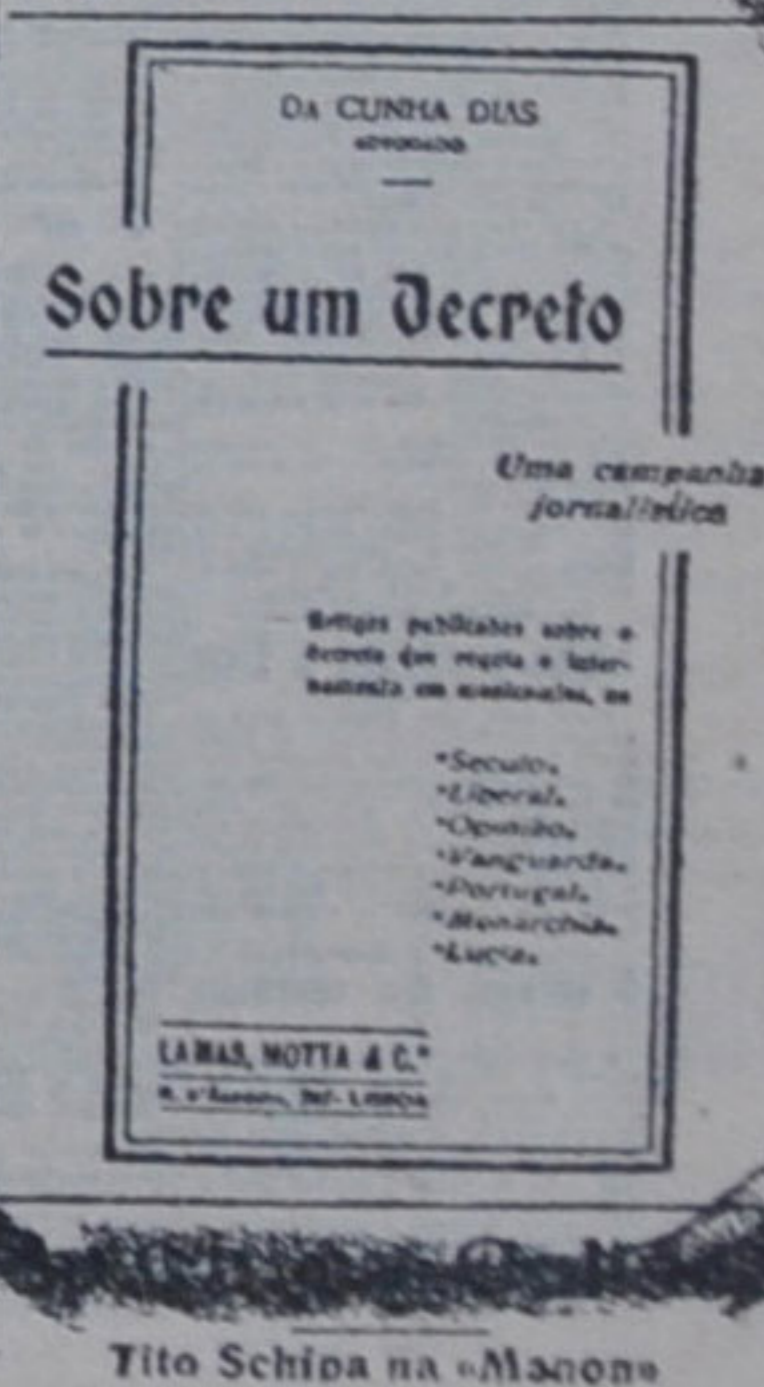
o e fortificada es

lha—na e das alizes

«Os meus esticis

lha—na

lha—na



Tito Schipa na «Manon»

No mesmo dia 19 de junho, como abaixo se vê, a *Luta*, á tarde anunciava que pela imprensa se responderia á entrevista naquela manhã inserida na *Situação*:—

19 de Junho de 1918

Numero avulso, 2 centavos

ICTA

Propriedade de JOSE BARBOSA & C.^{VA}

E. Segurado, administrador e editor

Toda a correspondencia relativa a assuntos de administração deve ser dirigida ao administrador

Numeros telefonicos

Redação e direção, 2-552 — Administração, 2-579

DA POLONIA

tando-se nos exor-
luctam pela ro-
sua patria

adio official de Vie-
seguinte

realisará o julga-
rios individuos do
uxiliar polaco que
almente na frente
o auxiliar polaco,
ir a via ferrea e as
a e telefonica de
z, de que se apode-
fevereiro, ás oito
ou para o oriente
intenção de abrir
z das nossas linhas
krania. Graças ás
que adoptaram as
tas ao caso, conse-
marcha do corpo
apesar de ter opcs-
Uns 120 officiaes e
corpo auxiliar fo-
e conduzidos ao
mente Porimotivo
sedicioso, 91 offi-
los da região terão
vela sua conducta
guerra Uns cem
to corpo, submeti-
ram considerados
ryico militar e ma-
a o do landsturm,
poltas em liberda-
nt declarados pelo
o comprehendidos
serviço, sendo in-
ercito austro-hun-

las legiões polacas
atido ao lado
Russia foi um
icos da acção
lema. Essa
ne tiranica
ne supunha
Arismo, m
iam que
que os
po em que os
acia não existe
que, pois, favore-
E esmagam-nos,
anta vez desagre-
nde juntando
provincias pola-
reeram se os seus
lari-se e dizimam-
destroe-se a sua
e á fome a sua po-

guerra, os polacos
uns contra os ou-
mente russos aus-
Combateram e
seus opressores e
seu solo por mu-
E quando supu-
ava a aurora da
la noite negra do

O Parlamento

Dizem que já não abre em 1 de Julho, passando essa solemnidade para 8 do mesmo mez. Não somos nós dos que julgamos que desses adiamentos não veem proveitos.

Se o Parlamento começasse em funções logo depois de eleito, a avaliar pelo que se ouvia nas pessoas affectas ao Governo, iriamos ter uma Constituição presidencialista, mais presidencialista do que a vigente na União Americana ou na Imperio Alemão—qualquer coisa como uma Constituição propria para as gentes negras de Dahomey.

Passaram tempos. Do arraial monarchico começou a pedir-se parlamentarismo, depois os proprios governamentais se mostraram, uns parlamentares puros, outros presidencialistas atenuados, dum presidencialismo ainda não bem fixado na cabeça de ninguem, nem mesmo na dos seus inventores.

Esperamos, pois, que, dentro em pouco, só existirá um presidencialista—o Sr. Dr. Sidonio Paes. E esse mesmo

talvez fosse bom adiar a abertura do Parlamento por

Na casa de Orates

O dr. da Cunha Dias vai responder, pela imprensa, a uma entrevista que sobre internamento em manicómios publicou hoje a *Situação*

A entrevista foi feita com o dr. Julio de Matos.

Instrução publica

O *Diario do Governo* de hontem, na sua 1.^a série, publicava, pela secretaria de Estado da Instrução, um decreto regulando as disposições do outro, o n.º 3-863, de 20 de Fevereiro de 1918, que estabeleceu a unificação dos vencimentos do professorado effectivo dos discentes ramos de en-

Por esse diploma determinou-se que a unificação dos vencimentos de categoria e de exercício, nos termos fixados pelo art. 1.^o do decreto n.º 3-863, de 20 de Fevereiro de 1918, é unicamente applicavel aos professores em effectivo serviço á data da promulgação do mesmo decreto e que aqu-

A GUERRA

A batalha para vencer

A contra-offensiva italiana levada a cabo com tanta violencia que inutilizou a offensiva austriaca, é mais uma admiravel resultante do comando unico.

A frente italiana foi considerada por Foch como a guarda da sua extrema direita, e por isso, aproveitando a bonança que por lá reinou tanto tempo, preparou-se contra uma arremetida por aquele lado, que seria lançada como r-curso para facilitar a investida alemã na Picardia

Precipitou a offensiva austriaca a situação interna da Austria, e prevendo os resultados da agitação interna, o estado-maior alemão apressou-se para aproveitar ainda o estado de cohesão dessa massa.

A offensiva austriaca resultou estéril, e deste facto nasceu mais um elemento que fortemente fomentara a revolta latente do paiz.

Mas Foch possuía certamente indicações precisas sobre o golpe que o inimigo pretendia vibrar-lhe por aquele lado, e inutilizou-o

A offensiva alemã contra o sector comprehendido entre Montdidier e Soissons esbarrou na formidavel resistencia dos francezes, e foi completamente inutilizada pela brilhante contra-offensiva dos segundos, que deante de si empurraram o inimigo.

A offensiva austriaca, parada mais facilmente, deu logar a uma contra-offensiva dos italianos que vae produzindo optimos resultados.

O esforço inimigo apresenta-se agora quebrado, pois a seguir ao primeiro impulso estava a ceder terreno, merecendo certamente da enorme fadiga resultante da continua inutilização de esforços, feita habilmente pela mão do Mestre

enquanto ele se cansa e se extenua, ameaçado por uma crise interna violenta e fatal, as reservas aliadas crescem diariamente com os desembarques effectuados pelos americanos

A primeira parte, effectuada por Foch é uma grande victoria, como dissemos pois que sendo o seu objectivo ganhar tempo para remediar o inconveniente das suas grandes massas de reservas terem um grande es-

paço para percorrer até a sua utilização, consegue realmente o seu objectivo, e ultrapassa-o, porque já fategou o inimigo.

A sua manobra habil permite-lhe, quando inicia a sua acção offensiva, profunda e estrategicamente decisiva, realizar o seu plano com as massas quemeticulosamente vem concentrando contra um inimigo cujo ardor, cujos effectivos e cujo moral já vae encontrando muito abalados.

Iniciará a sua acção dispondo de todos os trunfos necessarios, quer materiaes, quer moraes. Preparou a sua acção com método e precisão e os resultados não podem deixar de corresponder aos meios.

Foch, em 1914, foi por assim dizer o general aliado que mais contribuiu para a inutilização da celebre manobra de envolver em procurada pelos alemães é que foi conhecida pela *corrida para o mar*.

Da inutilização desta manobra resultou a morte da Alemanha, agonia lenta bem sabemos, porque não se aniquila rapidamente o esforço contínuo durante 44 anos de um povo numeroso, organizado e trabalhador; mas dissemos que resultou a morte, porque toda esta longevidade da guerra provem dessa manobra dos aliados, cercando os centraes. Quando a Russia abandonou o campo, já o inimigo estava em bem peores circumstancias do que em 1914 e por isso os estragos que ele produziu nada são para comparar com os que poderia ter feito

Pois é ainda Foch que para o inimigo na corrida que ele quiz effectuar para uma victoria que sabe que perderá de vez se não a alcançasse nesta ocasião

Não podia alcançal-a, mas a destruição completa do objectivo inimigo devem-na os aliados ao homem excepcional que é hoje o comandante supremo dos exercitos aliados, e esta fraqueza relativa mas palpavel do inimigo comum é já o inicio da obra da grande cabo de guerra que procura habilmente o seu dia da batalha, a batalha para vencer

N. RIBEIRO.

NOTICIAS DE COIMBRA

COIMBRA, 19.—Vae revestir grande imponencia a solemnidade da inauguração do novo edificio para a Associação Cruzada Estudantes, que se effectua amanhã, com a assistencia do sr. ministro dos estrangeiros e do corpo diplomatico

A colonia brasileira residente nesta cidade, reuniu hontem no vice-consulado, resolvendo receber condignamente o re-

Portugal na guerra

Saixas em França

Comunica o Q. G. R. do C. E. P. m. Q. G. T. que desde 31 do mezinho at esta data se registaram mais os seguintes falecimentos

No dia seguinte, 20 de Junho, a *Situação* anunciava na primeira coluna da segunda pagina haver recebido uma carta que, por falta de espaço, publicaria ao outro dia:

talmente, a invasão nem da tempo para se tomarem as precauções; faz logo de chocho uma tal razão que ás vezes são mais os feridos que os illesos. Por outro lado se é de todo impossível a vida individual ou social sem roçar pelo semelhante, reduz-se até onde possa ser essa aproximação ao mínimo, restringindo assim a exposição ao contagio.

A misantropia cae bem em quadra epidemica, que faz certo o ditado de que muita gente junta não se salva. Pode dizer-se que a influencia refina na confluencia. E' sabido quanto as feiras e as romarias concorrem para a disseminação regional; os primeiros casos que cá arribaram, deram-se nos regressados das festas e touradas de Santo Izidro, em Madrid. Agora, como sempre, o contagio castiga os grupos de vida conjunta—colégios, asilos, prisões, oficinas, teatros, quartéis, etc. Acontece escaparem as casas de reclusão, exatamente pela restrição de relações externas; não gosou d'essa imunidade a prisão de Monsanto, atacada justamente depois da entrada dos presos politicos, alguns dos quaes appareceram constipados, e das visitas numeradas que tiveram. Ora se os que tem que fazer não podem levar-se do circular nos electricos e a concorrer ao seu trabalho e ao seu emprego na fabrica, na officina, no escritorio, na repartição, guardem-se d'outros ajuntamentos dispensaveis, especialmente dos que empilham e acotovelam gente n'uma atmosfera confluada.

Não fica mal deixar de visitar enfermos, apesar de ser obra de misericórdia; e tambem não fica mal, antes ficaria muito bem, acabar com os cumprimentos de uso—apertos de mão e osculos de cerimonia, gestos que repugnã a hygiene, e até a cultura, vestes como são do passado selvagem. As reverencias chegam, bem mais innocentes do que os toques suspeitos do proximo, e logo de coisas tão polutas como beijos e dedos.

Se se soubera ao certo a porta de entrada do virus, alguma defeza especial se poderia instituir. E' para crer que os germens se alojem na parte superior das vias respiratorias e ali façam ninho para forçarem a mucosa. Seriam, pois, indicaveis as lavagens frequentes do nariz e da garganta, por exemplo, com a comessinha agua salgada; a agua oxigenada diluida vem a ponto para este effeito. Desinfeções rigorosas, como as que se tem ensalado nas fauces dos portadores de cocos meningeos ou bacillos differicos, não são para tentar. Fraticas immunizantes não se conhece nenhuma; drogas preventivas não existem, e nenhuma deve tomar-se com tal fim. O mesmo apanhar do mal não livra d'outro, pois não é das infecções que conferem a imunidade. Talvez que os que vierem depois de nós gosem do beneficio de algum soro ou vacina—única esperanca profilactica para um contagio assim.

A boa hygiene interna e externa é sempre um bem mantel-a. Tomar ar livre, e arejar os recintos de estada. Não requintar, todavia, a ventilação até ás correntes de ar, incomodas e prejudiciaes, a que a nossa gente é atrelta, sobretudo em quadra de calmas. Quando o mal vier, cama, dieta, tizanas e medico. Nada de drogá-se por sua conta, nem com purgas, nem com asmas, nem com os grogues. E que se for necessário a fortuna depare assistente em farmacos—o que será vantajoso para o corpo e bolsa do enfermo, e concorrerá para evitar o encarecimento dos remedios.

Ha casa de Orates

Do sr. dr. Cunha Dias recebemos uma carta sobre a nossa entrevista com o sr. dr. Julio de Matos, que, com a epigrafe acima, publicamos hontem.

O avançado da hora e a absoluta falta de espaço impedem-nos de lhe dar hoje publicidade, o que faremos amanhã.

OS MORTOS EM FRANÇA

Por ferimentos em combate: Inf. n.º 445, 1.º, Joaquim Pereira, em 9 de abril; Inf. 13, sold. n.º 322, 1.º, Armando Alves Pereira, em 8 de abril; Inf. 15, sold. n.º 491, 3.º, Manuel Joaquim, em 29 de maio.

Por doença, B. S. C. Ferro, soldado n.º 14, 2.º, Raul Maria de Oliveira, em 22 de maio, por insuficiencia mitral; Inf. n.º 15, cabo n.º 432, 1.º, Manuel de Figueiredo, em 25 de maio, por tuberculose pulmonar incipiente.

CURIA
Palace Hotel
e Grande Hotel
De Costa & Solleiro, Ltd.
Aberto de 1 de junho a 31 d'outubro

trata dos assuntos referentes ao armamento, equipamento dos navios, maquinas, hidrografia e construção e tera cinco repartições, a 1.ª incumbida a construção naval e Cordoaria; a 2.ª armamento e equipamento; a 3.ª maquinas, a 4.ª hidrografia e navegação e a 5.ª construção civil.

A 1.ª é dirigida pelo director das construções navaes; a 2.ª e 4.ª por um official superior do ativo ou do quadro auxiliar; a 3.ª por um official superior engenheiro maquinista e a 5.ª por um engenheiro civil ou militar.

Ficam subordinadas a esta direção as comissões técnicas, as fabricas de construção e reparação naval, de maquinas, Cordoaria, officinas e serviços de material de guerra, torpedos e electricidade.

Artigos 38, 39, 40, 41, 42 e 43. A 4.ª direção trata dos serviços auxiliares da armada e da administração financeira, de todos os recursos postos á disposição da respectiva secretaria d'Estado, a qual se divide em 3 repartições, a 1.ª trata dos abastecimentos da esquadra, transportes e contratos; a 2.ª dos serviços da marinha mercante, policia dos portos, faroes e pescarias, e a 3.ª dos serviços de administração e fiscalisação naval; a 1.ª e 3.ª serão dirigidas por um official superior da administração naval, e a 2.ª por um official superior de marinha do ativo ou do quadro auxiliar.

Ficam subordinadas a esta direção o Arquivo Geral, dirigido por um official do secretariado naval e a comissão de pescarias.

Art. 44.ª A repartição de contabilidade continua com as mesmas atribuições.

Artigos 45, 46 e 47.ª Tratam dos regulamentos, da colocação do pessoal, e dos directores geraes que despacham directamente com o secretario d'Estado.

Artigos 48, 49 e 50.ª Autorisam o secretario d'Estado da marinha a remodelar o ensino de todas as escolas dependentes da secretaria e crear superintendencias de defeza e montadas estas, serão dissolvidos o comando central de defeza maritima e o dos Açores.

Assistencia

5 de Dezembro

Sopa dos pobres

Esta tomando um notavel desenvolvimento a Obra da Assistencia 5 de Dezembro, da iniciativa do Sr. Presidente da Republica. As 2.610 sopas diarias, propriamente d'esta benemerita instituição, além d'outras que a mesma Assistencia subsidia, eleva-se-bão, no proximo domingo, a 4.510, satisfazendo-se, assim, ás necessidades mais exigentes nos bairros mais pobres, onde a miseria é enorme.

Inaugura-se festivamente n'esse dia a sopa aos pobres, da Assistencia 5 de Dezembro, no Beato, com a assistencia do Sr. Presidente da Republica, para 300 familias de esse pauperrimo local, cuidando a dedicada junta de paróquia de imprimir o maior brilho á solenidade, e tendo obtido ja, de muitas pessoas das mais beneméritas d'aquí, adesões e donativos para a Assistencia.

Tambem no domingo proximo, a Obra Assistencia nas Escolas Geraes aumentará mais 600 as sopas, para atender ás necessidades de S. Miguel, Santo Estevão e Monte Pedral.

Proximamente se inaugurará a Obra da Assistencia em Sacavem, na fabrica de louças do sr. Gilman, para acudir ás necessidades de mil familias pobres d'aquelles sitios.

A obra que se começou a distribuir no dia 1.º de terras do bairro novo de Campolide, em Ourgique, tem sido procuradissima a pobreza d'aquella local. Como é movente na sua composição, ha familias numerosissimas que a desdobra, em suas casas, com agua quente, servindo-lhes de alimento unico, e, ainda assim, muito nutritivo. Diversos cavalheiros e senhoras tem ido visitar a sopa de Campo de Ourgique e assistido á sua distribuição, e, provando-a corroboram a affirmação dos pobres, de que esta sopa é magnifica, com as melhores condições de nutrição.

E' assim, pelo facto, que a Obra da Assistencia 5 de Dezembro se impõe e que o publico de Lisboa reconhece e aplande a bela obra do Sr. Presidente da Republica, contribuindo, espontanea e dedicadamente, para que a sua acção se intensifique por forma a socorrer a grande maioria que sofre, n'este momento difficil da vida, a mais horrorosa calamidade.

A junta de paróquia civil das Escolas Geraes e a comissão dos festejos da Obra da Assistencia 5 de Dezembro, continua hoje, 20, pelas 21 horas, os grandiosos festejos e feira, havendo varias surpresas e sendo abrilhantado por um distincto grupo musical.

Pede-se para qualquer obolo ser enviado para a sede da junta, rua dos Cegos, 36.

Alf. Lica.
«...E a caravana passa...»

ESPETACULOS

São Luiz—A's 21.30—«A Severa», drama.
Avenida—A's 21—«Amor de mascara», opereta.

Politeama—A's 21.30—«Salada russa», revista.

Apolo—A's 21.30—«A revolta», revista.

Eden—Animatografo e concerto.

Salão Foz—Variedades e concerto.

Olympia—Animatografo e concerto.

Cinema Condes—Animatografo e concerto.

Salão da Trindade—Animatografo e concerto.

Chiado Terrace—Animatografo e concerto.

Salão dos Anjos—A's quintas, sabados e domingos—«Abi seu tesoi», revista.

Chantecler—Animatografo e litas faladas.

Salão Promotora—Animatografo.

Salão Colossal—Animatografo.

Conferencia

Hoje, pelas 21 horas, realisa uma conferencia no Centro Socialista de Alcantara, rua das Fontalhas, 77, o sr. Sergio Principe, cujo tema é: «A questão do caminho de ferro e a questão economica».

ATRAVEZ dos BAIRROS

«Complots»—Foram hontem entregues ao general da 1.ª divisão do exercito, dando em seguida entrada na cadeia do Limoeiro, Aurelio David, Afonso Monteiro, Guilherme Gonçalves, José Manuel Costa e Manuel José Aguiar, todos implicados no complot do Peniche, do qual era chefe o sr. dr. Batista Frazão, que está preso no Castelo de S. Jorge. Tambem foram enviados ao quartel general, os presos Nunes da Silva, Pena Martins e Francisco dos Santos, o Chico Teso, implicados no complot de Tomar.

«Chegada de presos»—Hontem a noite, chegaram ao governo civil, sob prisão acompanhados por uma força do regimento de infantaria 22, quatorze trabalhadores rurales, que deram entrada nos calabouços do governo civil. Foram detidos em Changa por terem abandonado os serviços do campo Aguardam o destino que lhes deve ser dado.

«Apreensão de assucar»—Hontem, de tarde a policia apreendeu 12 sacas com assucar na mercearia do sr. José Luiz, rua Nova de S. Domingos 25 e 27, que o mesmo merceiro tinha dentro de umas sacas grossas, de serapilheira, para mandar para fora. A apreensão foi feita devido ao referido merceiro se recusar a vender o assucar ao publico, dizendo que não tinha.

Diz a policia na sua participação que o assucar era açambarcado pelo merceiro, de combinação com o fiscal Pereira, das substancias, que é formiga, e que por esse processo fazia indispor o publico contra o governo. O assucar foi para o posto da policia do teatro Nacional.

«Por furtar»—O guarda David, da 1.ª secção de investigação, acompanhado do seu colega 1.022, prendeu hontem na estação central do Rocio, os conhecidos gatunos carteiristas hespanhoes Antonio Meado e Izidro Gonzalez, na occasião em que pretendiam furtar uma carteira a um passageiro. Foram levados para o governo civil onde ja tinham queixas contra eles.

Banco Portuguez e Brasileiro

Lisboa—Rua Augusta, 34

Capital Esc. 3:000.000\$00

Fundo de reserva. 1:300.000\$00

DEPOSITOS A' ORDEM e a prazo em moedas portuguezas e estrangeiras. Descontos, Transferencias, Compra e venda de titulos e «coupons» nacionaes e estrangeiros. Correspondentes no Paiz e no Estrangeiro.

Reunião do Professorado Primario

Realizando-se hoje, pelas 11 horas da manhã, a reunião magna dos delegados da classe, na Associação do Pessoal Maior dos Correios e Telegrafos, rua das Portas de Santo Antão, o Grémio dos Professores Officiaes de Lisboa convida todos os seus colegas da Capital a comparecer á referida reunião.

rente ano o presidente eleito para o secretario de Estado, uma comissão p' do mesmo regim. d'aquella data cu composta dos srs. presidente da Tui de Lisboa; Joaqui Instituto Superior de Almeida, chefe reção geral das concellos Cabral, de de Lisboa, e fredo de Fraga.

—Foram transferenda publica: P' Vila Nova da Cep Soares Esteves, Nova da Barquin Aviz para Castelo —Foi aprovada fazenda publica e Marques de Figue 5.800\$00

—O sr. governa hontem demoradario de Estado, pelo sr. Presiden parece, o sr. dr. nuarã no exerci pedido dede miss. dado por parte de de concelho e de de municipios do dr. Vasco de Que os secretarios de instrução

Tentativa

Tentou suicida um tiro de revólvmaz Ferreira, me morador na aven 3.ª. Foi conduzid hospital de S. Jo

OS M

Efetua-se hoj para o cemiterio Torres Mascaren Pico, 31; da sr.ção Moreira, as Marta, do sr. Ant hospital do Rego; ves do Carvalho, réla, 95, do sr. Pi da rua das Fonta gas, 45, da rua, 4.ª; do sr. José Oliveira, 41, do sr hospital de S. Jo ra, 45, da rua ja sr. D. Vitoria 10, da rua dos Praz mistro dos Praze gusto Soares, á amanhã; da sr.vão Pereira, da r

—Na sua reside culano, 107, fale Ribeiro Ermida, Limalada, e men Commercial de Lis Lanificio da Ar cidos.

O extinto deix de Amorim Erri do sr. dr. Virgili O seu funeral v para o cemiterio

—Reallsarã-se noraes: das sr.ªs Perreira Vieira, D. Judith Maria G Amella de Jesu de Jesus Silva, Irene Santos, D Gertrudes Rosa / tos; dos sr.ªs Jo Ramo Santos Ju João Falafá, Joa e José Luiz Veloz

FIGUEIRA DA sr.ª Fernando A segue para essa

CONTRA

A «COMP efetua segu Agencia: Jos & C.ª, band 89 a 75, Te

De verdade, não tendo sido feita rectificação alguma ás afirmações contidas na entrevista, foi, sob a forma de carta, publicada em 21 de Junho, numero 31 da Situação, a resposta;

A SITUAÇÃO

DIARIO REPUBLICANO DA MANHA

Director: — JORGE BOTELO MONIZ
Administrador e editor: — Joaquim Derão
Federação e administração: — RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 46, 2.
Propriedade da Empresa do Jornal "A SITUAÇÃO"
Associação Nacional de Typographos
Circulação, impressão e papel de venda: — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TYPÓGRAFOS, 21, Rua de S. Bento, 2.
Redacção telegraphica: — SITUAÇÃO

A NOSSA ATITUDE

Publicar esta entrevista e esta resposta, em forma de carta, publicada em 21 de Junho, numero 31 da Situação, a resposta;

A "Formiga" e o açúcar

Dr. Brito Camacho

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA EM ELVAS é delirantemente aclamado

(De mesa redonda especial)

A viagem.—Em Crato e Portalegre o sr. Presidente é entusiasticamente ovacionado

ELVAS. — A viagem do sr. Presidente da República para o interior do país, com o objectivo de visitar as regiões mais pobres e de estudar as condições de vida da população, tem sido acompanhada por uma grande aclamação popular.

Transcrições...

Transcrições de discursos e declarações feitas durante a viagem do sr. Presidente da República.

UMA CONFERENCIA DA Liga Nacional da Velha Republicana

Uma conferência da Liga Nacional da Velha Republicana, com o objectivo de discutir as condições da actual situação política.

O "tal"...

Uma reflexão sobre a situação actual e a necessidade de mudanças políticas.

Os fumos... do Rocio

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Os SERRANOS

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Assim mesmo!

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Machado Santos

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Barbosa d'Andrade

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

A estaseologia

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Serviços ferroviários

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Instrução

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Os serranos

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Um discurso do ministro dos Negocios Legaes

Um discurso do ministro dos Negocios Legaes, com referências a eventos recentes.

Associação Cristã de Estudantes

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

A favor dos pobres do gaúcho

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Serviços ferroviários

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Assim mesmo!

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Machado Santos

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Barbosa d'Andrade

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

NA CASA DE ORATES

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

A favor dos pobres do gaúcho

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Serviços ferroviários

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Assim mesmo!

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Machado Santos

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.

Barbosa d'Andrade

Uma reflexão sobre a situação política e social, com referências a eventos recentes.



Escrevendo uma carta.

"São levados da breca, estes franceses! Imagina que se sentaram agora uns 'tanques' que, em vez de água, levam pedras para matar o 'boche'."

Lyda Borelli casou

Uma carta

De Cachaça

TRANSCREVEM-SE O ARTIGO
E AS NOTÍCIAS QUE PREPARA-
RAM O LANCE, A ENTREVISTA,
E AS RESPOSTAS, O QUE TUDO
SE REPRODUZ COM FIEL EXA-
CTIDÃO.

TRANSCHEMEL TO ARTING
EAS NOTICIAS DE TRENIA
KAM O TANG A ENTRENA
KAY KENYERAS OUBI LIND
RE KENYODS COM THE EKA
CIBO.

“SOBRE UM DECRETO”

Já os jornaes se referiram largamente ao livro do dr. Da Cunha Dias, *nosso presado amigo e correligionario*, intitulado — *Sobre um decreto*.

O decreto de que trata o dr. Da Cunha Dias, no seu excelente livro, umas 120 paginas, é o que regulou o funcionamento dos manicomios em Portugal, estatuinto sobre o internamento das pessoas que perderam, ou se julgue terem perdido o uso da razão.

Por virtude deste decreto, publicado pelo Governo Provisorio, em 1911, e que o Parlamento nunca se deu ao trabalho de rever, o dr. Da Cunha Dias foi internado no Conde Ferreira, donde conseguiu evadir-se, como já sabem os leitores da *Lucta*, pois o caso foi aqui relatado pelo nosso amigo, com o briho e a graça que caracterisam o seu feitio literario.

Mas o caso Cunha Dias, ao contrario do que poderia supôr-se, não é um caso pessoal, visto como todos nós, os que andamos em liberdade, reconhecidamente habeis para regermos a

nossa pessoa e bens, ámanhã podemos ser internados em qualquer manicomio de fórma violenta e arbitraria. E nisto, precisamente, está o valor da campanha encetada pelo *nosso amigo e correligionario*, (1) que vendo o caso de todos atravez do seu caso, ao serviço de todos põe a sua indomavel energia e o seu belo talento.

O problema politico debatido no livro do dr. Da Cunha Dias é dos mais interessantes, e pois que ele contende com a liberdade dos cidadãos, a todos interessa por igual. Se é facil meter num manicomio, acusando-o gratuitamente de doido um cidadão qualquer, o mais ajuizado de nós todos, póde ámanhã ser internado em Rilhafoles.

Sobre um decreto é um livrinho que ha interesse em ler, porque é feito com talento, e cuja leitura se faz com agrado, porque tem um original sabor literario.

(1) O italico das palavras — *nosso presado amigo e correligionario* — é nosso. Fizemos assim para o Leitor notar, mais facilmente, a insistencia.

... E O CINISMO DAS FLORES...

NA CASA D'ORATES

Ha internamentos illegaes?

O diploma que os regulamenta é perfeito?

— Não?

— É!

Di-lo o sr. dr. Julio de Matos

O leitor conhece, por certo, o ruido que á volta do internamento nos manicomios se vem fazendo na imprensa. Conhece, com certeza. O assunto é, de resto, captante. Não ha ninguem que não tenha pela complicada engrenagem cerebral o respeito que merecem as coisas melindrosas. Não ha ninguem que igualmente não preze a sua liberdade individual.

Pois bem. Pela imprensa de Lisboa tem passado como um tufão uma forte campanha que assegura que nos nossos manicomios tem sido internada mais do que uma pessoa, em seu perfeito juizo, vitima, simplesmente, de lutas de interesses.

Quem isto escreve teve occasião de já num jornal da tarde de Lisboa,

se interessar por um caso desses. Uma creatura internada na casa de saude do Telhal escreveu uma carta para essa redação. Veiu-nos á mão e—puzemol-a de parte.

Eis, comtudo, que sobre o encarcerado epistolografo nos chegam informes exatos, idoneos, concretos—entre eles, ali á esquina do Chiado, a do assassinado professor Gueifão—que nos garantem que a creatura tinha tanto de doido—como nós, que nos temos como a pessoa mais ajuizada, depois do sr. Urbano Rodrigues.

Interessamo-nos, então, e tratamos do caso. E interessou-nos tanto que, ante a campanha desencadeada e, ainda, o anuncio de que um deputado na proxima sessão legislativa ia levantar

a questão—resolvemos, pela doirada tarde de hontem, abandonar a casa de Orates, que é esta, do mundo livre, e ir até á outra.

O passeio é agradável, a calçada do Lavra tem o seu pitoresco e para dar umas tinturas de elevação ao acto, de longada, fômos rememorando trechos daquele diabolico Erasmo e recordando periodos do endiabrado Rochefort—um, o que fez o elogio da loucura, muito antes do sr. Albino Forjaz de Sampaio; outro, o que levantou em França a questão que hoje se ventila em Portugal.

E neste excelente estado de espirito, mais proprio de quem vae para uma sessão da Academia do que de quem vae para uma casa de doidos—de Março a Abril não ha que rir...—entestamos com o gradeamento florido do manicomio Bombarda.

Rodeando o sinistro casarão, onde vidas se estiolam e cerebros se esfacelam—as flôres,—as glicinias, os lilazes, com um cinismo revoltante punham em esplendencias de côr e maravilhas de graça.

Mas porque—santo Deus!—este estado de espirito tão arcadicamente bucolico e irreprimivelmente idealista? Sabe-se lá! Toda uma semana de redação que subitamente se encontra liberta do perimetro do Chiado.

—E' o senhor, agora—diz-nos o continuo.

Eramos nós. Entramos no gabinete do illustre psiquiatra que elegeramos para entrevistado. Trata se do sr. dr. Julio de Matos. Aqui para nós o insigne professor pedira-nos ou, melhor, insinuara-nos a sua *repugnancia organica* pela entrevista. Talvez tenha razão Mas no decorrer da palestra o assunto entrou de tomar um vulto tão serio, uma importancia tão decisiva, que nos parece de boa razão não usar de ambages e declarar terminantemente quem nos fez tão cabaes revelações.

Expuzemos-lhe, em duas palavras, ao que iamos, o que se passava e o que queriamos.

O sr. Julio de Matos, depois de hesitações, declara-nos:

—Não me parece que o internamento de loucos nos manicomios ofereça qualquer duvida.

—Mas diz-se...—interrompemos.

—Eu sei. Sei o que se diz. Mas não tem fundamento. O funcionamento dos manicomios é perfeito. O internamento é escrupulosissimo e não tenho recebido reclamações. Como comprehende, é uma coisa completamente garantida E senão, veja: primeiro o internamento do doente tem de ser acompanhado dos atestados de dois medicos. Depois desse duplo ates-

tado, é examinado por mim. Depois do meu exame, segue-se o do medico da enfermaria. Quatro medicos, portanto. Como se ainda não bastasse, ha o boletim semanal preenchido pela medico de serviço, onde é feito o diagnostico e seguida a marcha da doença. Já vê... Antes do internamento definitivo, ha um internamento provisorio de 15 dias, para observação.

Os argumentos eram incisivos. Concordámos:

—De facto, é difficil qualquer equívoco.

—Difficil? Impossivel. Essas campanhas são, geralmente, levantadas por antigos internados, com o delirio da perseguição, que, pertencendo á categoria dos loucos-lucidos, conseguem, com essa lucidez, arrastar alguns ingenuos. Fez-se isso em França. Em Portugal essa campanha tem sido levantada por varias vezes. Agora sei que parte de um advogado, que esteve internado num manicomio, e que tem conseguido manter uma campanha que para aí tem feito alarido. O dr. Da Cunha Dias. E' um caso vulgar, que, como lhe disse, se tem repetido. Trata-se de um dos taes doentes, com esse delirio de perseguição e que lá para fóra se vão deixar de inconcebiveis sequestros e quimericos *complots*. Temos os nossos boletins, que são isto. . .

E o sr. dr. Julio de Matos paten-

teia-nos um *specimen* dos boletins em questão.

—Aqui—proseguiu—ficam arquivados os indicios da loucura. Todas essas acusações são pueris. Repito-lhe: seria necessario comprometer ~~uma~~ infinidade de creaturas para consumir um crime, pois que se trataria de um crime, como esses que se apontam. A lei que regula o funcionamento dos manicomios parece-me excelente. Não precisa de ser reformada. Precisa de ser completada com as *comissões de patrocinato*, que existem no estrangeiro e que se destinam a proteger os doentes após a sua saída do manicomio. Mais nada.

Essa campanha é natural—é a dum louco que, como todos os loucos, se não capacita de que o é.

Pegamos no chapéu. Não precisamente porque o assunto estivesse por inteiro exgotado, mas porque—palavra!—não é impunemente que a gente se põe em contacto com este sub-mundo de loucura. E, com o receio de perder o juizo, á cautela, fomo-nos afastando.

Cá fóra, as flôres continuavam esplendendo quasi luminosamente, no seu revoltante cinismo—felizes por não necessitarem desta coisa fragil, que é o cerebro, e poderem limitar-se a possuir simplesmente, imensamente—alma... A. F.

Na casa de Orates

A propósito da entrevista publicada no nosso numero de ante-hontem, o sr. dr. Da Cunha Dias responde ao sr. dr. Julio de Matos, na carta seguinte:

Sr. redator.—Emquanto me não capacito desta incuravel loucura de que padeço — é o parecer expresso pelo sr. Julio de Matos nas colunas da *Situação* de hoje — e que me abraza nêstes malfadados dias da minha vida, venho solicitar-lhe — é de lei, e é tambem das praxes jornalisticas — a publicação no mesmo local das palavras que a estas se seguem.

Cabe, entretanto, dizer que outro fim não viso diferente daquêle que determinou a minha campanha contra o diploma que regulamenta o internamento em manicomios:—Orientar a opinião, de maneira a impedir a pratica de um grave crime, aliás frequente em Portugal.

E, enquanto me não capacito da minha incuravel loucura, aproveitando esta abertasinha de lucidêz — ridente oasis no desconsolado desconforto desta árida loucura — vou dar começo á minha tarefa,

O sr. Julio de Matos categoricamente afirma que a lei é excelente, a pratica de um abuso ou de um crime, ao abrigo do disposto nela, o tal decreto de 11 de Maio de 1911, impossivel. Não pode mesmo haver um equívoco.

E' o momento de esclarecer que o decreto em questão é da autoria da abalisada competencia do sr. Julio de Matos, que o impingiu ao sr. dr. Antonio José d'Almeida, em tempos do governo provisorio.

Posto o que, mais uma vêz é oportuno mostrar que ao abrigo das disposições do decreto de 11 de Maio:

—«Qualquer pessoa pode requerer o internamento de outra num manicomio (art. 33.º);

—e, mediante esse simples requerimento, essa pessoa é internada (§§ 1.º e 2.º do art. 35.º),

—depois se dois medicos subscreverem um atestado afirmando que o internado padece de loucura (art. 35.º § 2.º, art. 36.º n.º 1 e 2);

—é mantido o internamento até que os médicos do manicomio, por *concordancia de votos*, resolvam o contrario (§ 2.º do art.º 42.º);

—ou a pessoa que requereu o internamento requeira a saída (art. 41.º).

—Durante o período de internamento, que, sem atestado médico, póde ir até 15 dias (cit. art. 35.º, § 1.º);

—o pretenso louco não pode receber ninguém sem que o requerente do seu internamento—pode ser um extranho até!, o autorise (art. 44.º § 1.º);

—e a sua correspondencia pode ser inutilisada» (art. 45.º).

Tudo isto, é claro não tem a importancia que parece ter, porque ha um «boletim». O tal boletim que o sr. Julio de Matos mostrou ao redator da *Situação*.

Embora o artigo 33.º do famigerado decreto permita que, mediante uma simples folha de papel selado, qualquer pessoa — qualquer parente, consocio, ou amigo, ou um extranho (n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 do art. 33.º)— possa requerer o internamento de outra num manicomio, o caso não tem importancia de maior, porque ha o boletim.

Mas, ainda que não houvesse o boletim salvador, tudo o que por aí se diz, em todo esse alarido que para aí se tem feito, não ha rasão de ser. O sabio psiquiatra notou mesmo que nunca tinha recebido reclamações. De resto, estas campanhas contra as ad-

missões em manicomios são sempre — elucida tambem o sr. Julio de Matos — levantadas por ex-internados.

Se eu lá estivesse ainda — eu, ficam-no sabendo, se o não sabiam, os seus leitores, estive internado em dois manicomios — assistido do tratamento, e dos cuidados, e dos carinhos tambem, com que são tratados os doentes nos manicomios do nosso país, não reclamava.

Reclamo, porque estou cá fóra, e não tenho carinhos... Se ainda estivesse internado não reclamava.

Disto tem o sr. Julio de Matos a certeza, e eu tambem.

Protestos, reclamações, partem sempre de ex-internados que, padecendo de loucura . . . lucida, conseguem arrastar, iludindo-as, pessôas ingénuas

E o sr. Julio de Matos, com a sábia erudição que todos lhe reconhecem, e de que tão sobejas provas tem dado sabiamente esclarece:— «Fez-se isso em França.»

De verdade, em França, contra a lei de 1838, de que o sr. Julio de Matos traduziu (parte discutida), o Titulo IV do «portuguesissimo» decreto de 11 de maio de 1911, ergueu-se a palavra de Henri Rochefort, um louco lucido.

Secundou a campanha no parlamento francês, a vóz eloquente de Leon Gambeta, uma pessôa ingénua.

Foi isto ha quasi cem anos!

Aqui, em Portugal, a campanha foi levantada na imprensa por mim; apoiada em entrevistas que solicitei, pelos professores da Faculdade de Direito drs. Rocha Saraiva, Abel de Andrade, Abranches Ferrão, Fernando Emidio da Silva; secundada na transata sessão parlamentar pelos drs. Joaquim de Oliveira e Brito Camacho. Todos, é claro, gente ingénua.

O sr. Matos, lá sabe!...

A série de artigos que publiquei na imprensa de Lisboa, no *Seculo*, na *Luta*, no *Liberal*, na *Opinião*, na *Monarquia*, na *Vanguarda*, no *Portugal*, foi reunida num volume—«*Sobre um decreto*».

Com palavras de caloroso aplauso, referiram-se-lhe a *Vanguarda*, a *Opinião*, o *Seculo* (nas suas duas edições), o *Liberal*, a *Opinião*, o *Liberal*, a *Luta*, a *Monarquia*, o *Diá*.

Os srs. Moreira de Almeida, Arnaldo Pereira, Teles de Vasconcelos, Pedro Muralha, Carlos Faro, conde de Monsarás, Rocha Junior, Jorge de Abreu, dr. Brito Camacho, são—toda a gente o sabe!—pessoas ingénuas, que se deixaram ludibriar pela minha lucidêz.. louca.

Secundou a minha campanha, referindo-se a este meu volume, e prestan-lhe—(n.º 97, de 24 de Março)—no *D'Aveiro*, o seu caloroso apoio, com palavras que muito me penhoraram, o sr. Homem Cristo.

Outra pessoa ingénua, o sr. Homem Cristo!

Emfim, sr. redator, o sabio psiquiatra dr. Julio de Matos, lá tem as suas razões, prevenindo cautelosamente os leitores da *Situação*, ao afirmar a minha loucura... lucida, está bem de vêr!

Ele lá sabe!

E não está só. Embora ainda o não hajam dito na imprensa—(eu não perco pela demora, certamente)—acompanham o sr. Julio de Matos os drs. Luís Cebola, com consultorio na rua Augusta, n.º 220; Manuel de Vasconcelos, com consultorio na rua do Ouro, 242, 2.º; Antonio P. Flôres, com consultorio na Praça dos Restauradores, 38, 2.º, que atestaram, aqui ha dois anos, a minha perigosa e incuravel loucura.

Ha tambem, lá me esquecia!, um outro—psiquiatra (*malgré out*)—do Porto. E' o sub-diretor do hospital Conde Ferreira, José Fernandes de Magalhães.

Lá me esquecia este!

Todos estes psiquiatras atestaram successivamente a minha perigosa e incuravel loucura.

Mas, estas minucias de informe sómente pretendem elucidar os leitores da *Situação*. Que das doenças do corpo ha muitos médicos que tratam, mas das da alma, para estes tratamentos mais «delicados» são estes os capazes

E, a fim de não perturbar o tran-
quilo repouso dos seus leitores, soce-
gadamente descançando do sobresalto
desse arruido que em tempos aí fiz na
imprensa, agora bem seguros, bem
convencidos das garantias das suas li-
berdades individuais, emquanto re-
pousam, e sonham, talvez!, sob a som-
bra amiga do boletim, permita-me sr.
redator, que termine e vá ali até ao
Seculo, e depois ali á *Luta*, e depois á

Vanguarda, ao *Liberal* e á *Opinião*,
segurar pelas orelhas o sr. Julio de
Matos.

E, emquanto me não capacito da
minha incuravel loucura (lucida, é
bem de vêr!), aproveitando esta aberta-
sinha, respeitosamente me subscrevo,

19-IV-1918.

De v., etc.

DA CUNHA DIAS.

EMQUANTO ME NÃO CAPACITO...

JULIO DE MATTOS

na Casa de Orates

A esta hora, o sr. Julio de Matos, sorri ainda, babante de goso, ao lembrar as linhas que publiquei na *Situação*, com que mais uma vez—(não perco esta mania!)—cabalmente demonstro a lucidez da «lucida loucura» de que padeço, na competente opinião do douto professor, e o réclamo a ele, e ás artes, e ao saber, e aos raros predica-dos que possui. e á sua estranha intui-ção clinica que lhe permite nestas doenças da alma de que trata, um dia-gnostico rapido, seguro, decisivo, irre-futavel.

—(Assim o mostra, o apregôa a fama).—

Onde ninguem vê loucura, nem som-bras dela, a sua intuição *pressente-a*, e o seu saber profundo, vasta soma de conhecimentos acumulados durante longos anos de labor e de recolhido estudo, noites de vela, horas de pres-crutante meditação, o seu profundo saber, acorrendo solícito, descobre, re-

vela o que para os outros era obscuro. E são rapidas, decisivas as suas con-clusões, espectantes, por vezes os seus diagnosticos. E os seus proventos cres-ceram, e o seu renome rapidamente foi fama.

Veio do Porto. Lá de onde em quan-do—como nestas ondas de um mar chão—um vago sussurro murmurava abusos, violencias, irregularidades, mas logo de seguida—como nessas on-das de um mar chão que o mesmo mar retém e não alcançam a praia—o seu renome restabelecia o seu credito, alar-gava a sua fama.

Escreveu livros de vulgarisação; obras de sciencia. Livros banaes uns, compilados á tesoura de brochuras e de revistas estrangeiras; os outros, obras de sciencia, escarpelizados nas escolas, olhados com sorridente desdem pelos estudiosos. Professores distinctos, homens de recatado saber, nas escolas,

na Universidade, mostraram o desconexo dos seus raciocínios, os erros e vezes de viciosas observações, o nulo das suas obras. Mas livros e obras asseguraram a sua reputação, dilatando ainda mais a sua fama.

Veio do Porto, quasi após a proclamação da Republica, aureolado.

A's vezes, pelas tardes de inverno, exhibe-se ahí por essas ruas ás horas de concorrência, dependurado dos hombros raquiticos, um *capindó* exótico, que mais lhe amesquinha a apoucada figura, a que uma cuia grisalha, propositadamente deixada em trunfa para esconder deformidades do craneo, empresta um ar feirante de homem celebre.

Quando ele passa, ás vezes, pelas tardes de inverno, a mostrar-se, exhibindo-se no seu passinho pulante, com o *capindó* exótico e a cuia, esboçam-se sorrisos, ha expressões de compassiva ironia nos que o vêem passar, murmuram-se o seu nome. debicam-se, baixinho, pelos cafés, a meia voz, abusos, violencias, irregularidades,

Mas ele, o sr. Julio de Matos, o celebrado auctor do Decreto de 11 de Maio, fica intangivel, indestructivel, lucrando os largos proventos de chorudas conesias, indestructivel, olimpico, aureolado da sua fama.

Em tempos idos, em dias que não vão longe, bati-me pela causa da liberdade. Bati-me com galhardia, com mocidade,

Triunfou a Republica, e então arredei-me, recolhi-me á minha vida, nesta modestia altiva do meu orgulho, não disputando aos outros a facil apanha dos lucros.

Vivia a minha vida lá longe, vida modesta de advogado de aldeia, na minha terra distante, casario disperso em notas garridas de côr nas encostas da serrania, debruçada junto ao mar.

Eu vivia lá longe, e um dia nesta minha vida talhada em tragedia, na aspereza deste destino que Deus lhe deu, passou um vendaval desfeito de odientas paixões, de violentos odios.

E então, inteirado num jogo de alheios interesses, sobre o meu nome, sobre a minha vida, sobre o meu futuro o sr. Julio de Matos debruça-se e declara, atesta, a minha perigosa e incuravel loucura.

— (De surpresa, á traição, eu havia sido internado no Manicomio Telhal)—
Lembro aquéla hora, aquele instante, em que sobre os meus passos se cerra-va para sempre, para a minha vida, para o meu futuro, para os meus affectos, a porta daquela cela.

Dias depois aparecia, acolitado pelo Luiz Cebola, o sr. Julio de Matos, e numa rapida meia hora decidia da

minha vida, decidia do meu futuro.

E decidia condenando-me a prisão perpetua, e declarava peremptoriamente a minha perigosa loucura. Perigosa e incuravel.

Nem uma prova, nem um debate, nem a possibilidade de uma defeza, uma justificação.

Sobre actos da minha vida intima, o sr. Julio de Matos que eu nunca conheci, que não tem, nem terá a minha intimidade, decide-se, opina. E decide a minha prisão perpetua, decide a orfandade do meu filho, e opina pretendendo denegrir-me a mim a minha perigosa e incuravel loucura.

Ha depois uma transferencia rocambolesca para o Conde de Ferreira, nova cela, novo martirio, e correm vagarosos, mais dois mezes.

Um dia evado-me. Atiro um automovel para cima de uns empregados do manicomio que me embargam a ponte D. Luiz, no Porto, armados de cacetes. E, numa arrancada, numa carreira, alcanço Leiria, emquanto eles me seguem a Lisboa.

Passa outro mez. Oculto numa quinta, a minha liberdade a preço, passa outro mez de sobresaltos, de incerteza, a vida, a liberdade defendida palmo a palmo, a golpes de audacia uns, outros de astucia.

Venho enfim a Lisboa. Novamente sou preso e metido num calabouço do

governo civil. Combato, defendo-me e liberto-me. Tinham passado mais dez dias.

Com pé diurno e nocturno, assiduamente, o sr. Julio de Matos visitou o governo civil durante os dez dias do meu encarceramento, procurando inutilisar-me, braço dado com os odios violentos dos que me combatiam, servindo os fins deles.

Fez publicar num jornal noticias tendenciosas. Eu ia ser reinternado. Libertei-me e venci.

Mas a difamação fôra fundo,—facil como é destruir—alcançára longe.

Levantei a campanha contra o Decreto de 11 de maio que permite a pratica destes abusos. O sr. Julio de Matos emudeceu.

Passaram dois anos.

E agora, fóra do seu tempo, procurando desconcertar a opinião surge a declarar—declarou na *Situação* de 19 do corrente—a minha loucura incuravel, mas... lucida!

A assistencia aos alienados em Portugal é uma burla a que uma lei infame empresta uma falsa apparencia de legalidade.

A' applicação arbitraria dessa lei, de direito revogada, é mister pôr cobro!

Erram ahi pelos campos, nas vilas, nas aldeias, pobres loucos num aban-

dono miseravel; internam-se em manicomios creaturas em pleno uso da sua razão, aos serviços dos mais repugnantes e baixos fins.

Os estabelecimentos de assistencia que o Estado subsidia não podem favorecer os mais escuros, os mais repugnantes, os mais vis interesses.

E' mister terminar!...

Em tempos não distantes, bati-me pela causa da liberdade, e pulsa no meu coração o mesmo sangue que animou o ardor das minhas palavras, na galhardia do esforçado arranque da minha mocidade.

DA CUNHA DIAS.

EMQUANTO ME NÃO CAPACITO...

JULIO DE MATOS

FIGA, OU VAE?

Eu digo que fica. Ha quem opine o contrario.

Eu, comtudo, embora bem fundamentadas sejam as razões contrarias, digo que fica.

Realmente não tenho argumentos para opôr, nem razões que destruam as fundadas razões contrarias, mas tenho um palpite. Fica!

—Nós estamos em Portugal.

Proclamada a Republica ele veio. Veio para ficar, logo — fica.

A razão não será bastante, o argumento não colhe. Mas não existe outro argumento, não ha melhor razão, e ele fica.

Proclamada a Republica, ele veio, exhibiu-se, fez conferencias, mostrou-se, meteu-se, ficou.

E então, por entre a avalanche legisladora do Governo Provisorio, abusando da confiante boa fé de um ministro, insinuou, impingiu o já celebre Decreto de 11 de Maio.

Ninguem pôz em duvida a competencia, o saber do grande homem, e o Decreto foi promulgado. Era um regulamento dos serviços dos manicomios a mais ninguem interessando, na apparencia, que aos empregados desses estabelecimentos.

Mas, no titulo IV, como quem não quer a coisa, revoga-se todo o direito civil, revogam-se todas as garantias individuaes.

Nem formalidades de processo, nem debates, nem tribunaes.

Ha um interesse escuro a resolver, uma creatura que convém inutilizar. Não se compra uma pistola, nem se paga a um sicario; compra-se meia folha de papel selado, e vae-se á policia. E basta! (art. 33).

Durante 15 dias dois medicos—que podem ser dois bandidos—decidem, a liberdade ou o carcere de loucura. (art. 35 § 2.º, art. 36 n.ºs 1 e 2).

Sobre um nome foi lançada a mais

ultrajante das ignominias; sobre uma vida rodou lugubre e cruel o silencio das sepulturas! (art. 41, § 2.º do art. 42)

Não alcançam além dos portas do manicomio os gritos de dôr, os protestos de revolta. (art. 44 § 1.º)

Realizado o sequestro á victima não resta um recurso, uma esperança, se quer. O isolamento é absoluto, completo. (art. 45, art. 42, § 2.º)

Como obra de patifaria o Decreto de 11 de Maio é perfeito. E o seu auctor, o Julio de Mattos, que é um mediocre, exerceu e disfructa ainda, de uma decisiva influencia na sociedade do nosso tempo.

Pelo Decreto de 11 de Maio foi creado o logar de inspector dos manicomios que tudo decide, que superiormente delibera. E ele Julio de Mattos que o creou, fez-se inspector.

—Ele diz, está dito; ele faz, fica feito.

E' assim!

Mediocre, miudinho, impotente para conceber, para crear, desenterrou do tumulto do passado a lei franceza de 30 de junho de 1838.

Rebuscou. Indagou.

Sobre o seu passamento pezavam na profundidade dos tempos palavras de Rochefort, um brado eloquente de Gambetta.

Mediocre, miudinho, escavou em vol'a e aos pedaços, aos farrapos, desenterrou do tumulto do passado a lei de 38.

Servia-lhe, traduziu.

Mas na lei franceza havia recursos para as victimas de um crime, ou de um equivoco; recorria se a um tribunal, julgáva um juiz.

Recursos, tribunaes, juizes—Talvez uma incerteza de consciencia; talvez a sombra de um remorso;) —juizes, tribunaes... Ela era o inspecto.!

A victima de um crime — se a sua razão tivesse tempera para resistir, se a sua energia não vacilasse—podia requerer uma reparação, exigir fosse indemnizada dos prejuizos sofridos.

Indemnisações, tribunaes, juizes— (Talvez a sombra de um remorso; quem sobe? se um receio de consciencia!)— artigos 9, 17, 20, 29, 30 da lei franceza de 1838, fóra.

Tribunaes, indemnisações, juizes— (Quem sabe? se um arrepio de pavor!) —o inspector era ele!

Artigo 9 da lei franceza de 30 de junho de 1838, fóra! Artigos 17, 20, 29, 30, fóra!

O mais ficou. Mal traduzido, mas ficou; Embora revogado, applica-se.

Revogado pela Constituição da Republica, ficou.

O Decreto de 11 de Maio de 1911 foi revogado no seu Titulo IV pela Cons-

tituição de 21 de Agosto, mas ficou.

E ele, o inspector, o Julio de Matos, cuja biografia é um rosario de crimes, fica tambem:

—Nós estamos em Portugal!

O Decreto ficou.

Mas um dia, uma luta violenta de interesses, sujos odios de familia—(cada um de nós não escolhe os seus parentes!)—odios violentos, de surpresa, á traição, a hypocrisia iludindo a minha lealdade, a vileza opondo-se ao meu cavalheirismo, arrastaram-me um dia, de surpresa, á traição, á cela dum manicomio.

E foi então, uns oito dias depois daquela hora de tragica incerteza em que sobre os meus passos se cerrara, apartando-me da vida, separando-me do meu Filho, a porta de uma cela, que eu conheci o Julio de Mattos. E durante aquelles dois mezes, tão longos, do meu encarceramento, e do meu martirio, tive o ensejo de sofrer e de sentir as excelencias do Decreto de 11 de Maio.

A minha razão resistiu, a minha energia não vacilou:—evadi-me, libertei-me.

E em nome dos principios de liberdade que defendi nos dias que não vão distantes da minha mocidade, ergui a minha voz. Julio de Mattos calou.

Em nome dos direitos individuaes que são uma conquista do nosso tempo e da nossa civilização contra a mais repugnante, a mais torpe, a mais covarde das leis, em nome dos direitos de todos, ergui a minha voz. Julio de Mattos calou.

Eu tinha por mim a razão, o direito, e a minha pena. Ele o mais! E Julio de Mattos calou.

A' bocca pequena move-se-me uma campanha de difamação, lenta, porca, systematisada.

Mas a minha palavra dizia sempre,—ainda com energia, com fervor, com fé, como nos tempos, que não vão longe, da minha mocidade, dos ultrajes, das violações, dos crimes, a que esse decreto infame empresta uma falsa capa de legalidade.

A' boca pequena, por essa Lisboa, de porta em porta, de familia em familia, baixinho, a difamação insinuase, rasteja, alastra.

Os que hontem eram por mim, são hoje contra:—a difamação alastra.

Successivamente fui, na boca dos meus difamadores, louco, gatuno, intrujão... Fui tudo.

Mas indiferente á calumnia, sofrendo os prejuizos materiaes que dessa difamação resultavam, a minha palavra serena, firme, sem um desfalecimento, sem uma contracção de colera, proseguiu. E Julio de Mattos—mudo.

Em setembro do anno passado ensaiaram o veneno. Falhou.

—(O processo havia sido distribuído em agosto, jogam-se vidas).—

A lucta prosegue ainda, e, ao lado dela, como se fosse a sua sombra, a difamação alastra sempre. A' boca pequena, de porta em porta, com medo, alastra sempre.

Sou forçado a isolar-me para poupar as poucas amizades que me restam. Pequenos nada transformam-se em dificuldades, amontoam-se tropeços insignificantes, surgem obstaculos.

Quasi são passados dois annos. E então convencido talvez de que a minha voz havia emudecido para sempre, bem informado, certamente, Julio de

Mattos veio a publico para declarar em 19 do corrente a um redactor da «Situação»—urbi et orbi— a minha incuravel loucura, e a excellencia do Decreto de 11 de Maio.

A sombra dessa lei, de direito revogada, teem-se praticado crimes repugnantes que a minha palavra não diz, impotente como é para narrar a dolorosa tragedia, a pungente agonia da vida dos manicomios.

A biographia de Julio de Mattos, auctor dessa lei infame, é um roزاریo de crimes.

Mas a lei fica, e elle fica tambem.

—Nós estamos em Portugal !

DA CUNHA DIAS.

FAZEM-SE COMENTARIOS LI-
GEIROS A UMA NOTA BREVE;
E, COM ABUNDANCIA FARTA DE
RAZÕES, SE DEMONSTRA NÃO
SEREM CAÇA DE MONTARIA
ANIMAES DE PERFILADA ORE-
LHA E SUBMISSO ESPINHAÇO,
NO VULGAR CHAMADOS AS-
NOS.

Sobre os artigos que no capitulo anterior se transcreveram tres simples comentarios, ligeiros devo fazer.

E será o primeiro a uma nota de redação que à maneira de berloque foi, como do grafico se vê, dependurada ao meu artigo publicado na *Lucta*, em 25 de junho de 1918.

A tal nota é a seguinte :

N. da R. — Seria desnecessario explicar que as afirmações, de qualquer natureza, contidas neste artigo, são da exclusiva responsabilidade do seu auctor. Mas não queremos perder o ensejo de dizer que consideramos o dr. Julio de Matos como um illustre homem de sciencia, uma das mentalidades portuguezas que em trabalhos de varia especie, documentaram o seu valor.

E rebatendo, menos por mim, que pelas afirmações precisas que daquele meu artigo resultam, e as linhas da nota, muito vagas, nem sequer se atrevem a atingir, devo salientar que a mais positiva fórmula porque a redação da *Lucta* poderia expressar a sua consideração pelo *homem de sciencia e pelos varios trabalhos* era não inserir na sua primeira pagina o meu artigo e have-lo publicado na pagina dos anuncios, ou, — e seria mais concludente — have-lo deitado ao cesto dos papeis.

A *Lucta* era, e supponho que ainda é, um jornal partidario, orgão de um partido democratico, a *União Republicana*. E assim não extranhei, nem mesmo fiz reparo na nota que por ahi se prestou a tão diferentes comentarios, muito desprimorosos para o seu auctor.

Não só porque em nada a tão propalada notasinha contraria as minhas palavras, mas porque nada adeanta sobre a responsabilidade que a cada um cabe pelo que escreve e assina, e

tinha a minha assinatura, e assim foi publicado, o meu artigo. Nem, tão pouco, pode surpreender a ninguem que num partido democratico haja pessoas de muito diversa moral e muito diferente cultura.

De resto a notasinha foi erradamente comentada, porque contém uma gralha. Onde o redactor da nota escreveu *variaveis*, o tipografo compoz *varia*. Eis tudo.

O Matos homem de trabalhos *varios* não faz sentido, o Matos creatura de trabalhos *variaveis*, fica certo.

Em verdade a sciencia da referida pessoa, o Matos, e correspondentes trabalhos, varia na razão directa da pressão atmosférica, e na inversa do cambio, visto estar sujeita às leis economicas da "oferta e da procura." E daí resulta precisamente ser o *seu valôr* documentado.

Documento — excluido o significado juridico da palavra, acepção esta em que o escritor da nota a não empregou — é, na acepção vulgar, sinonimo de nota, papel moeda.

Os trabalhos do Matos — seja dito em abono da verdade — embora variaveis, são em virtude da muita procura de pessoas para trabalhos de *varia especie*, e do reduzido numero de pessoas que, felizmente, a eles se dedicam, retribuidos, em regra, não em moeda metalica, mas em papel moeda, menos por exigencia dele, que por comodidade das pessoas que lhos retribuem.

Claramente isto ressaltaria, se a nota estivesse redigida com propriedade de termos, havendo o escritor da nota em questão escrito, em vez de *trabalhos*, *trabalhinhos*.

Um outro termo foi, em tão poucas linhas, impropriamente empregado *mentalidade*. O auctor da nota queria certamente escrever *capacidade* que é sinonimo, em certos casos, de *mentalidade*. Ora o serem duas palavras sinonimas não significa que se-

jam precisamente equivalentes, e referindo-se ao Matos o vocabulo *capacidade* era de melhor emprego, porque seria rigorosamente exacto.

Nisto, quanto a *capacidade*, é que o Matos, atravez de uma longa vida, se tem evidenciado *ilustre homem de sciencia*. Ele tem realmente, é de justiça confessa-lo, muita *capacidade*, e mais a *sciencia da capacidade*.

O que o Leitor verificou pela leitura do capitulo anterior, e é já sobejamente conhecido.

Foram umas poucas de columnas em letra de fôrma, e couberam. Nem tugiou, nem mugiu. Já antes no volume *Sobre um Decreto* lhe remeti umas columnas de prosa, e tambem lá couberam.

Erradamente julga o Leitor se supõe respeitar esta *capacidade*, e correlativa sciencia, só á letra de fôrma. Não senhor, é para tudo. E delas, da sua grande *capacidade* e da *sciencia da capacidade* é que tem resultado muitos prejuizos graves a terceiros, e serios dissabores para ele.

Tudo exigencias da sua muita *capacidade*.

E nasceu aos 7 mezes!

Mas, tornando ao que acima disse, sendo a *União Republicana* um partido, um agrupamento de pessoas diferentes que concordam numa determinada acção politica, logico é que a *Lucta*, órgão na imprensa dessas varias pessoas diferentes emita, sobre assuntos não politicos, opiniões diferentes.

E tanto, de facto, assim é, que tempo depois, foi na *Lucta* de 3-9-918, a proposito do prefacio a um livro, que o mesmo Matos prefaciou, o Dr. Brito Camacho escreveu:

Na mesma lamentavel disposição d'animo — não queremos dizer na mesma orientação de espirito — o sr. Julio de Matos mis-

tura recidivistas e revoltosos, como se a revolta, no bom significado da palavra, em linguagem social, pudesse confundir-se com o crime, tomando a palavra na sua rigorosa acepção jurídica.

Creemos que s. ex.^a labora em erro attribuindo a Flaubert uma frase de Pascal, *estado de graça*, porquanto o literato da Bovary nunca foi dado a especulações metafísicas, em materia religiosa' ao passo que o auctor dos *Pensamentos* consumiu os melhores anos da sua vida curta a escaboucar nos dominios da teologia.

Bem pôde ser que o sr. Julio de Matos encontrasse a frase de Pascal num livro de Flaubert; mas s. ex.^a, illustrado como é, melhor do que nós sabe que a teoria de graça foi da auctoria de Jansennius, e deu logar a uma formidavel controversia, ainda Flaubert andava na massa dos possiveis.

Sempre resvalando no pendor das aproximações infelizes, o sr. Julio de Matos coloca no mesmo plano, os que desdenhosamente sorriem dos misterios da teologia e os que aceitam a egualdade e o sufragio universal como base da constituição e do progresso das sociedades.

Os misterios da teologia são coisas fóra da razão, ao passo que a egualdade é uma noção positiva das sciencias sociaes, que tem no sufragio universal a sua expressão politica.

O sr. Julio de Matos foi, por largos anos, director duma revista scientifica, *O Positivismo*, e quer-nos parecer que ahi se encontra exposta a noção positiva da egualdade, que não é um conceito biologico ou anthropologico, mas tão sómente um conceito social ou politico.

De resto, os misterios da teologia são *verdades* que transcendem o ambito do nosso espirito, ao passo que a *egualdade* e o *sufragio universal* são téses de sciencia social ou direito politico que todos podem discutir, objectos de controversia sobre os quais é tão legitimo negar como afirmar, para uma coisa e outra havendo razoaveis fundamentos.

E é tudo. A unica surpresa que me poderia causar a nota-sinha seria o verificar que alguém, superiormente inteligente e de uma invulgar cultura, julgava o Matos homem de . . . sciencia.

Como aquela nota escorregou até á tipografia da "Lucta" nem o sei, nem o procuro saber. Não me interessa.

Meus adversarios são aquelas creaturas que o Destino, nos seus altos e sabios designios, colocou em situação de parentesco tal para comigo, que, por timbre de meu orgulho, os não devo combater decididamente.

Meu adversario não é quem quer, mas quem o póde ser.

Tenho as qualidades que tenho, e que num combate são vantagens, por razões que Deus sabe.

Eu só sei que podia não as ter, e após tres anos de combate é-me grato verificar que eles não as teem.

Do mais..... Deus o sabe!

E é o que fica acima o primeiro comentario, e o segundo será iniciado por esta formal declaração:

—Não o fiz, nem o faço.

E, ao Leitor, vou fornecer a chave do enigma.

Varias vezes me teem sugerido, uns sem reservados intuitos, por parvoice, outros na bondosa intenção de me dispersar a actividade, que faça isto e mais aquilo de que resultaria liquidar este, amachucar aquele.

E é oportuno esclarecer, de uma vez para todo o sempre, que não faço nem desfaço.

E por duas razões. E a primeira é esta:—

Não discuto pessoas, combato um decreto que permite as mais revoltantes prepotencias, que garante a impunidade aos mais inconfessaveis crimes.

Combato esse decreto por coherencia com os meus proprios principios, não para que os outros mo agradeçam, nem para lhes agradar.